

DION FORTUNE

PREPARAÇÃO

E TRABALHO

DO INICIADO

EDITORA PENSAMENTO

PREPARAÇÃO E TRABALHO DO INICIADO

DION FORTUNE

É tão natural iniciar-se na vida espiritual e filosófica como, por exemplo, na vida comercial ou em qualquer profissão. E como em tôdas as profissões existem os grandes, médios e pequenos expoentes, bem como os honestos e os desonestos, assim ocorre em relação à verdadeira vida espiritual e iniciática. Apóstolos do bem e servidores do mal existem em todos os campos de atividade humana, e daí porque também ali se deparam amiúde com advertências aos incautos contra os trapaceiros e exploradores.

O autor dêste livro é um daquêles poucos que se encontram do lado do bem e procuram disseminar idéias sadias aos realmente sedentos de saber e de aprender de maneira simples o ABC da vida mística e ocultista. Aprendem então uma nova e mais simples maneira de viver, pois, como acertadamente diz o autor, "o conhecimento mais elementar da Ciência Esotérica nos leva a uma mudança completa de todos os nossos valores".

Cada um pode e deve procurar dentro de si a mansão de paz, e o manancial de riquezas espirituais. Mas quantos os procuram ou ao menos sabem da sua existência? Poucos, pouquíssimos, e por isso a maioria

(Continua na outra dobra)

dos seres humanos sofre e não cessa de criar causas de novos sofrimentos futuros.

Mas para penetrar nessa mansão e abeberar-se nesse manancial é indispensável ter uma chave, e a Iniciação é uma delas. Todavia, a Iniciação não se ganha através de uma graça nem milagre, e sim, através do esforço próprio, que implica uma metódica preparação individual. Mas uma vez preparado, não se permite quedar-se parado, de braços cruzados, à espera do "maná dos céus". Assim, o iniciado tem que trabalhar como os que mais trabalham e fazer jus a novas conquistas, pois "dai e recebereis" é a lei da vida superior. Este livro ensina como fazê-lo.

A preparação há de ser integral e sólida, e por isso é aqui apresentada sob três aspectos principais e interdependentes: o ético, o teórico e o prático. Se a ética há de ser o alicerce de toda nobre iniciativa, seria falha sem a teoria, e esta sem a prática. E a recíproca também é verdadeira, pois a prática sem teoria seria empirismo e ambas sem a ética conduziriam ao descabro.

Assim o autor, cuja pena já produziu outras obras valiosas, traça um roteiro seguro e fácil a todos os aspirantes a uma vida melhor e mais sábia, tanto no lar como fora d'ele. E essa vida os poderá levar a situações mais felizes, harmoniosas e justas perante Deus e os homens, como sonham tôdas as almas idealistas.

Tal é o propósito d'este livro.

PREPARAÇÃO
E
TRABALHO DO INICIADO

DION FORTUNE

PREPARAÇÃO
E
TRABALHO DO INICIADO

Tradução de
CINIRA RIEDEL DE FIGUEIREDO



EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

MCMLXV

Direitos reservados da
EDITORA PENSAMENTO LTDA.
Praça Almeida Júnior, 100 — São Paulo

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

ÍNDICE

<i>Prólogo</i>	9
<i>Introdução</i>	11

PRIMEIRA PARTE

ÉTICA

CAPÍTULO

I. — Colocação dos Alicerces	15
II. — A Senda da Iniciação	23
III. — Preparação da Iniciação	33
IV. — A Senda do Lar Doméstico	41
V. — O Ideal do Iniciado	47
VI. — A Vida Diária na Senda	51

SEGUNDA PARTE

TEORIA

VII. — Plano Básico do Iluminismo — I	57
VIII. — Plano Básico do Iluminismo — II	65
IX. — Plano Básico do Iluminismo — III	73
X. — As Fontes do Ocultismo	81
XI. — Fontes da Tradição Cristã Esotérica	87
XII. — O Alfabeto dos Mistérios	93

TERCEIRA PARTE

PRÁTICA

XIII. — Adestramento da Mente	101
XIV. — Adestramento do Corpo	111
XV. — Iniciação e Celibato	119
XVI. — Os Sistemas Esotéricos Ocidentais	123

PRÓLOGO

Não obstante ser esta obra completa em si mesma, formando um livro totalmente independente, pode ser considerada como complemento da obra do mesmo autor: *As Ordens Esotéricas e seu Trabalho*.

Assim sendo, muitos pontos que abordamos ali extensamente, só ligeiramente são mencionados neste livro.

Em conjunto, ambos os livros abrangem todo o campo da Iniciação na Senda da Direita, na Tradição Ocidental.

Outras informações concernentes à natureza das Lojas Negras, aparecem em outro livro, intitulado *Oculismo São*.

INTRODUÇÃO

Como de todos os que se dedicam à parte oculta e secreta da Ciência Espiritual, são muito poucos os que a seguirão até alcançar os graus superiores da iniciação e aspiração ao Adeptado, parece-nos razoável perguntar se esta Ciência é literalmente esotérica, ou reservada para os poucos, e se vale realmente a pena que compreendam este assunto os que não lhe podem dedicar toda a sua vida.

Não se pode negar que em qualquer carreira, arte ou profissão que se escolha na vida, só chegará ao seu cume o ser humano qua a ela se entregue por completo. E a Ciência Esotérica não constitui uma exceção a esta regra. No entanto, é possível serem dadas muitíssimas coisas mesmo àqueles que só podem tocar a orla de sua túnica. De seus ensinamentos surge uma filosofia de vida, que não apenas ilumina nossos problemas mais profundos, mas também resplandece sobre nossa vida diária, e nos revela significados que jamais teríamos sonhado. Igualmente nos mostra que nossas vidas individuais formam parte do conjunto cósmico, demonstrando-nos nossa relação individual com esse conjunto.

O conhecimento mais elementar da Ciência Esotérica nos leva a uma mudança completa de todos os nossos valores. Vemos, portanto, que as coisas que considerávamos de suprema importância, não são tão vitais como tínhamos acreditado, e em troca, constatamos que as coisas às quais não dávamos a menor importância eram justamente os centros estratégicos de nossas vidas.

Além disso, é-nos dado saber que existem certos poderes em nossa mente, que não possuem nada de raro nem sobrenatural, posto que os estamos usando diariamente, e que, se são dirigidos e desenvolvidos conscientemente, podem produzir os resultados mais extraordinários.

Não existe absolutamente motivo algum para que os que se sentem atraídos pelo estudo do Ocultismo, não comecem pelo uso destes poderes. A não ser que haja uma perversão deliberada ou uma tendência declarada para o mal, só podem produzir bons resultados, e estes resultados só são de aplicação prática e regular, ainda que não se possam dedicar aos estudos mais que alguns minutos por dia. Os efeitos acumulativos costumam ser surpreendentes.

Nem todo o mundo está preparado para receber a iniciação. Diz-se que são necessárias três vidas de esforços sistemáticos para se encontrar a senda, porém, mesmo no caso em que não vejamos a menor perspectiva de alcançar a meta nesta vida, recordemos sempre que tudo tem um princípio, e que nunca chegaremos à terceira vida para alcançar a meta, se não tivermos tido a primeira e a segunda vida de preparação. Embora não tenhamos a menor esperança de que esta vida nada mais seja senão um lôgro, podemos nos decidir para que ela seja uma preparação, e como o tempo nos planos internos não corresponde com o tempo no Plano Terrestre, é muito possível que alcancemos muitíssimo mais do que tínhamos imaginado.

Pelo menos não deixaremos de realizar certas coisas e com bastante rapidez: um novo interesse na vida, uma nova fonte de inspiração e de esperança, bem como o poder de desenredar alguns dos menores problemas de nossa própria existência.

A filosofia dos Iniciados pode ser trazida para o lar dos homens e mulheres de negócios, e lançar muita luz sobre ângulos obscuros da vida. E quanto mais se a difunda pela humanidade, tanto melhor se serve o propósito dos Mestres. Ninguém deve voltar atrás porque não se sinta preparado para isso ou porque considere os estudos demasiado profundos. Sempre existe algo para cada um, e cada um pode pegar justamente o que precise e dêle fazer uso. Não poderá, por certo, fazer uso daquilo que não possua, porém aquilo que o menor cálice possa conter, é a verdadeira Água da Vida.

Também não somos obrigados a vir ao poço uma só vez. Podemos voltar várias vezes com nosso cântaro. Portanto, não nos desesperemos nunca, nem sejamos débeis de coração; há lugar para todos e algo para cada um.

PRIMEIRA PARTE

ÉTICA

COLOCAÇÃO DOS ALICERCES

EXISTIU sempre uma crença, e muito difundida, de que alguns seres humanos sabem mais do que outros e de que, em vez de compartilharem alguns aspectos destes conhecimentos com seus semelhantes os guardam zelosamente para si mesmos, comunicando-os apenas para uns poucos eleitos, os quais se comprometem a manter um segredo absoluto, e permitindo-lhes repartir esse conhecimento, por sua vez, só com os que estiverem dispostos a assumir as mesmas obrigações e forem julgados dignos de receber semelhante privilégio. E isto é tanto mais notável quando esses mesmos homens parecem estar desejosos e até ansiosos de comunicar sem nenhum outro obstáculo outros aspectos desses conhecimentos.

Esta tradição a encontramos na literatura de todos os povos e em todos os períodos da história. E geralmente notamos que a crença era que estas doutrinas secretas se referem à Natureza Interna do ser humano e do Universo, ou seja, esse aspecto que não é observável pela ação direta dos sentidos físicos, e que para ser percebido, requer o uso dos sentidos superiores.

Além disso, era crença geral que uma grande proporção deste ensinamento secreto se referia à preparação e educação dos estudantes, para que pudessem usar os sentidos su-

periores de observação, da mesma maneira como se adentra o estudante das ciências físicas na técnica do laboratório, para que possa utilizar o microscópio.

Também era crença que a Ciência Oculta tinha um aspecto prático e que o conhecimento de suas leis conferia poderes nos Mundos Sutis, da mesma maneira que os conhecimentos das leis naturais conferem certos poderes no Mundo Físico, ou material.

Reconhecia-se, igualmente, que este conhecimento era zelosamente guardado pelos que se haviam convertido em seus custódios, e em tôdas as épocas se dava a mesma razão para justificar essa reserva absoluta: que em mãos indignas esse poder podia ser mal empregado, causando grandes prejuízos, porque o ser humano não tem direito de fazer uso dêle para qualquer fim, desde que procedia do Grande Autor do Universo.

Os seres humanos que os possuíam nada mais eram do que seus depositários e não proprietários, e não podiam utilizar este poder sagrado em seu uso próprio sem cometer um delito contra Deus e seus semelhantes. E existem muitas tradições do rápido e terrível castigo que recaía sobre os violadores, fôsse pelas mãos dos próprios companheiros iniciados, ou pelas elevadas Potestades contra as quais haviam pecado.

Sustentava-se também que este conhecimento era tão secreto que ninguém sabia onde estavam seus colégios, bibliotecas ou estudantes, mas se um homem, por seu caráter e por sua vida, se transformasse num recepiendário digno e meritório, tarde ou cedo era pôsto em contato com os que eram competentes para instruí-los, e em seguida ficava êle também sujeito ao compromisso de guardar segredo.

Tanto a literatura como a história podem dar um testemunho universal da existência desta crença entre os povos e em tôdas as épocas. Muitas vêzes esta crença foi aceita e outras tantas contraditada, só para ressurgir na geração seguinte. A maioria das pessoas reconhece que não pode haver fumaça sem fogo, e principalmente quando há tanta fumaça como nesta questão, e este sistema de conhecimento e métodos de adestramento existem real e atualmente como

uma estrutura bem organizada, como muitos podem testemunhá-lo ao deparar com êle.

Da mesma forma que antigamente, diz-se ao estudante que basta êle preparar-se devidamente para receber êste conhecimento, porque as misteriosas correntes que atuam no Universo, o arrastarão até pô-lo em contato com aquêles que podem iluminá-lo, sendo muitos os que dão o seu testemunho pessoal de que esta crença está bem fundamentada.

Todos os que formulem, embora subconscientemente, o desejo de estudar o conhecimento superior, receberão a oportunidade de fazê-lo. Vida após vida se lhes darão a preparação e o adestramento requeridos para êsse estudo, até que, finalmente, se através de tôda a dura disciplina à qual se sujeitou manteve sua posição e estima na única coisa que vale a pena no mundo, êste desejo subconsciente agirá de tal forma que chegará até a consciência, e êsse anseio informe se converterá em algo nítido e articulado, e então o ser humano empreenderá deliberadamente a busca e as provas das coisas invisíveis.

O que é, pois, que o homem pode fazer para cultivar sua mente, bem como para pôr-se em condições de alcançar êste conhecimento superior quando lhe chegar? O que pode êle fazer como adestramento preliminar, trabalhando como um estudante isolado e solitário, para preparar-se para a recepção do conhecimento que deseja?

O estudante que não está bem preparado nas coisas elementares, não pode compreender os ensinamentos superiores, assim como quem não está versado na aritmética não pode compreender as matemáticas. "Adquiri primeiro os meios, que Deus vos dará certamente o emprêgo que deveis dar-lhes", disse certa vez alguém que já tinha percorrido a senda do conhecimento. O que pode fazer o estudante que ainda não encontrou seu Mestre? Seu Mestre já o encontrou muitas vidas antes, pois do contrário nunca teria chegado ao ponto de poder articular devidamente êste desejo.

O que pode fazer para obter o maior uso possível dos materiais que tenha à mão, de maneira que quando chegar o tempo de seu adestramento, nada tenha ficado por fazer do que já pudesse ter sido feito, e seus progressos possam seguir sem obstáculos pela ausência dêsse trabalho indispen-

sável de base ou cultura mental, que pudesse haver sido realizado enquanto se encontrava ainda ante o Umbral?

Muito tempo se perde em ensinar ao homem o que êle poderia ter aprendido facilmente na escola, com o objetivo de permitir-lhe captar a importância do conhecimento que, pela iniciação, o tornará livre.

É verdade que, embora a intuição possa captar muitos vislumbres gloriosos sem o auxílio do intelecto, muitíssimo mais perde pela incapacidade do estudante para captar todo o significado de sua oportunidade. Infinitas coisas podem ser percebidas pela intuição espiritual, porém se o estudante não se prepara intelectualmente para cooperar, estas coisas raras vêzes servem para oferecer soluções práticas aos problemas do mundo.

O místico tem seus momentos de emoção extática, durante os quais pode alcançar grandes alturas, porém raríssimas vêzes está em condições de trazer dali as águas da vida, para dá-las aos que ficaram atrás. Só quando cada veículo da consciência humana está em correlação perfeita, é que a corrente da inspiração pode fluir através dêle e transformar-se em manifestações no Mundo Físico onde estamos vivendo. E enquanto o ser humano pode aprender grandes coisas e armazená-las em seu subconsciente, só podem ser úteis para seus semelhantes na medida em que tenha aprendido a correlacionar seus veículos, permitindo desta maneira que o espiritual desça e se expresse no Mundo Material.

Portanto, recomendaríamos aos que anseiam pelo conhecimento superior, que se ponham imediatamente na tarefa de correlacionar os seus veículos de consciência, especialmente o mental, de tal maneira que, quando recebam a revelação do conhecimento superior, possam atuar como degraus entre o que está em cima e seus semelhantes que ainda se encontram num degrau inferior da grande escada. E se isto servisse para estimulá-los, lhes diríamos quanto haveria representado para êles, quando se encontravam nesse mesmo degrau, se tivessem tido alguém que lhes houvesse podido dar a ajuda que está em seu poder oferecer agora.

Nenhum esforço feito para conseguir êste desenvolvimento é perdido, mesmo no caso de que quem esteja lutan-

do pareça desviar-se do caminho e perder de vista a meta. O passo de muitos pés é o que vai alargando a vereda primitiva para que se transforme no caminho largo, caminho por onde possa caminhar a multidão. Nós, em nossa época, não teremos que afrontar as provas que sofreram os primitivos iniciados, que abriram o caminho para nós.

Com respeito à consideração prática dos problemas envolvidos nesta correlação dos veículos da consciência, é muito importante que o estudante pense que estes veículos são separados de si mesmo, como instrumentos que aguça e utiliza para poder levar avante seus trabalhos. Por este motivo os cuida e prepara, e quanto mais alto fôr o nível no qual se acostume a funcionar, tanto melhor preparado se encontrará quando a oportunidade se lhe apresentar.

As pessoas de escassa iluminação identificam-se com o seu próprio corpo físico, porém são muitas as que podem viver em suas emoções e sentimentos; e alguns podem pensar livre e coerentemente sobre problemas concretos, existindo muito poucos que podem raciocinar abstratamente, e só um ou dois de uma geração podem experimentar as instituições do Plano Espiritual, de tal maneira que possam pensar em termos do pensamento incipiente e imanifestado.

Aos iniciados na Ciência Oculta se ensina a funcionar nestes diferentes níveis ou planos, se usamos a terminologia oriental, e a pensar nesta distintas maneiras, se usamos a mesma idéia em termos ocidentais. Antes de estar maduros para os ensinamentos dos Mestres, temos de conquistar os níveis físico e emocional, porque o estado normal da evolução atualmente nos permite desenvolver-nos até ali sem interferência externa alguma. Temos que converter o corpo físico em um servidor obediente e submisso, que não nos aborreça com suas necessidades imperativas. É para isto que são destinadas muitas práticas acéticas de ioga da Índia. No entanto, nós, do Ocidente, não precisamos destas práticas; basta fazermos do corpo um colaborador eficiente e não um escravo abjeto. "Conforme o homem pensa em seu coração, assim êle é."

As emoções devem fluir livremente, sem conflito nem deformações, pelos canais que a Natureza proporcionou para

elas, antes de serem elevadas a um nível superior. Não é possível sublimar uma patologia.

A direção das energias da vida deve ser tirada do domínio dos desejos e levada ao da vontade. Até que isto se faça, não pode haver progresso firme em nenhuma direção, porque então os desejos são induzidos pelas coisas do exterior e não dirigidos do interior, variando com os estímulos externos.

Consideremos agora a cultura da mente como preparação para o adestramento oculto. Devemos nos recordar de que existem dois níveis distintos ou esferas mentais: a do pensamento concreto e a do pensamento abstrato e cada uma delas requer seu cultivo. Para a pessoa que se habitua a pensar só concretamente, o abstrato lhe parece vácuo e sem significado quando se põe em contato com êle pela primeira vez. Seus termos não evocam imagem alguma em sua consciência, mas são outras tantas palavras vazias, e tem que acostumar a mente a pensar em idéias em vez de pensar em imagens. Um dos processos que mais facilmente ilustram êste ponto, é o estudo da Algebra, porque nesta matéria a mente se vê forçada a pensar em termos elementares abstratos, e assim adquire o hábito de pensar em proporções separadas das coisas em si. Dêste ponto pode continuar adiante por meio do estudo da filosofia e da metafísica, e para isso não há introdução melhor do que a obra de Herbert Spencer, *Primeiros Princípios*.

Com relação ao pensamento concreto, podemos fazer muito para preparar-nos para o adestramento superior. O campo que se estende ante nós é muito amplo, tanto que, com efeito, seria difícil ampliar nossos estados além dos limites da utilidade prática. Quanto maior fôr a esfera dos nossos conhecimentos, tanto mais numerosos serão nossos pontos de contato com o Cosmos.

O estudante que deseja adquirir o conhecimento diretamente da Mente Cósmica, procede de maneira semelhante ao paciente que se submete à psicanálise, só que neste caso sua atenção se dirige para o exterior e não para o interior. Começa com uma idéia em sua própria mente e segue a cadeia de associação de idéias até chegar ao complexo-radical da Consciência Cósmica.

Ver-se-á, pois, que, se o estudante não tem um ponto de partida em sua própria consciência, alguma idéia nítida e clara, intimamente relacionada com o tema de estudo, não poderá começar a seguir os degraus do encadeamento de idéias e assim chegar à raiz dentro do campo de sua consciência.

O bom estudante de Ocultismo deveria ter um conhecimento geral adequado das ciências naturais, da história, das matemáticas e da filosofia. Naturalmente, não pode ter um conhecimento muito profundo de tôdas estas matérias, mas, sim, deve conhecê-las de uma maneira geral; deve estar familiarizado com os princípios de tôdas as ciências e com os métodos da filosofia. Então, quando adquirir algum conhecimento especial, poderá vê-lo em relação ao plano cósmico do qual faz parte, e então lhe será possível conhecer de uma forma muito diferente do que o homem que só o percebe como parte de seu meio circundante. Um tem a planta viva no jardim sob sua observação, enquanto que o outro possui apenas a planta sêca em seu herbário. Há muito tempo que a relatividade do conhecimento foi compreendida, porém ainda não se fêz justiça à unidade do conhecimento. Embora o ser humano só possa aparecer mediante a especialização, é essencial que tenha um fundo contra o qual possa ver seu conhecimento em perspectiva.

Para o estudante de Ocultismo existe outra razão que requer esta armação de conhecimentos gerais. Ao tratar de estudar pondo-se em contato com a Mente Cósmica, pouco a pouco irá tendo acesso a uma massa de idéias variadas, porém freqüentemente deixará escapar algum fragmento de informação inestimável, por não perceber o seu verdadeiro valor. Ou talvez, desconcertado diante de alguma terminologia estranha, pode não se dar conta do valor daquilo que está aprendendo.

Os professôres de uma Universidade nunca mostram desejos de ensinar aos estudantes os princípios elementares que deveriam aprender na escola primária. E quando o estudante deseja empreender os estudos superiores da Ciência Esotérica, deve apresentar-se tão bem preparado quanto o requeiram os estudos esotéricos.

A SENDA DA INICIAÇÃO

A GRANE maioria de nossos semelhantes está sempre disposta a aceitar o mundo tal qual o encontram, e enquanto êste não os tratarem demasiado mal, vivem contentes. No entanto, alguns querem saber o que se oculta atrás do mundo que vêem, e enquanto não tenha resposta a esta interrogação, sofrem o divino descontentamento, êsse descontentamento que continuamente impele o homem a buscar além do horizonte, onde parecem perder-se os caminhos.

A maioria dos seres humanos parece aceitar como inevitável o sofrimento, e salvo quando êles se ponham em contato pessoal como algum caso flagrante, ou sejam êles próprios as vítimas, não formulam sequer um protesto. Outros, porém, parecem estar tão ligados com a raça humana, que sofrem os sofrimentos da humanidade, e não podem aceitar a felicidade ou a paz para si mesmos enquanto os demais sofram e lutem. Na antiguidade êsses indivíduos eram raríssimos, porém atualmente já são muitos, e qualquer observador verdadeiro das coisas humanas não pode deixar de reconhecer que existe êste sentimento de fraternidade incipiente para com tôdas as coisas e que êsse sentimento vai crescendo de intensidade.

Quando consideramos estas duas classes de seres humanos em relação com o problema da Evolução, podemos ver que reagem diferentemente, ainda quando o resultado de sua atividade seja fundamentalmente o mesmo. Uma classe cuida de melhorar a Evolução mediante a aplicação da ciência, para apressar os lentos progressos da Natureza, enquanto que a

outra trata de dissimular os sofrimentos que implicam os planos da Natureza, e tanto uns como outros buscam adquirir conhecimento para servir mais eficientemente a seus semelhantes.

Se estudarmos a vida e os escritos destes homens e mulheres que trataram de adquirir o conhecimento, não meramente pelo conhecimento em si, senão para poder aplicar esse conhecimento para alívio do sofrimento humano, nos atrairá grandemente a atenção constatar que estas vidas têm muitíssimos fatores que os destacam das vidas de outras pessoas eminentes de outros tempos. Geralmente têm, desde a infância, o pressentimento de algum trabalho que têm que executar, e nunca desanimam em sua vocação. Tarde ou cedo se lhes apresenta a oportunidade de realizar a sua vocação e devoção ao mesmo, e nunca vacilam. E em seguida, sejam agnósticos ou crentes (raríssimas vezes se encontram ateus entre eles), têm a sensação de estar em contato com algo superior a si mesmos e de que são utilizados como instrumentos para o serviço de seus semelhantes. Podemos também comprovar muitas vezes que estas pessoas, conquanto freqüentemente sejam de corpo débil, possuem uma espécie de poder super-humano de resistência quando estão a serviço dessa Potestade, que eles invariavelmente atribuem a uma fonte exterior a si mesmos.

Não pode deixar de nos chamar fortemente a atenção o fato de que todas estas mulheres e homens, qualquer que seja a tarefa à qual se dedicaram, observam a vida do mesmo ponto de vista: o da simpatia universal. Também pode notar-se, além disso, se os observarmos bem de perto, que alguns deles — não todos — usam certa fraseologia que demonstra terem algo em comum e que estão familiarizados com algo cuja erminologia está fora do comum e que, embora este ponto nunca seja mencionado diretamente, sua fraseologia tem influenciado de tal maneira seu estilo literário, que inconscientemente se desliza em seus escritos.

Então vemos que estes trabalhadores pela humanidade têm certa comunidade de caráter, e que alguns deles devem ter também certa comunidade de estudos. Podemos comprovar também que nenhum deles está satisfeito em deixar levar-se pelo lento curso da Evolução natural e que começaram a nadar por si mesmos. Sua consciência transcendeu o impulso

cego que os arrastava para outras coisas e então começam a pressentir vagamente sua meta, da mesma maneira que um cavalo sedento sente a presença da água a uma distância invisível. E finalmente chegamos a notar que de longe vem uma resposta e algum poder, dêsses que a ciência materialista não conhece, que parecem cooperar com seus esforços, guiando-os em suas dúvidas e ajudando-os em suas dificuldades. A história dêstes indivíduos faz crer que êste contato com algo superior a êles mesmos não é uma ficção da fantasia, porque êles conseguem realizar aquilo que os sêres humanos raras vêzes alcançam e com seus frágeis corpos têm suportado e realizado o que teria sido impossível aos demais.

Qual é o poder com que se põem em contato estas grandes almas? A tradição esotérica afirma que receberam a iniciação de uma classe ou de outra, porque existem duas classes: a física e a não física, que geralmente se recebem juntas, embora às vêzes só se experimente uma ou outra. A iniciação física admite o estudo da sabedoria esotérica adquirida por gerações de sêres humanos, que têm investigado a existência exteriormente e têm buscado afanosamente mais o significado das coisas do que suas formas externas. Admite o estudante dentro da fraternidade e confiança dêstes homens, e os dispõe para que participem de seus conhecimentos, aceitando-os como iniciados, cooperadores ou discípulos.

A segunda forma de iniciação é uma experiência espiritual, na qual a alma estabelece contato com as Potências superiores, sendo admitida na Grande Fraternidade das Almas nos Mundos Internos. Destas duas classes de iniciação, uma ou outra vem primeiro, às vêzes a física, a iniciação menor, é a primeira, ensinando-se então ao estudante, paulatinamente, a preparar-se para a experiência espiritual. Em outros casos vem primeiro a iniciação espiritual, e então o estudante é colocado, pouco depois, em situação de receber a iniciação física, se assim o deseja. No entanto, todos os Ocultistas estão de acôrdo em que, embora todos os indivíduos não recebam forçosamente ambas as iniciações, uma leva consigo sempre a oportunidade da outra.

Poderíamos agora perguntar: Como pode um indivíduo adiantar-se à marcha da Evolução? Em primeiro lugar, obser-

vamos que só as pessoas de grande caráter podem dar semelhante passo. O que é que causa êste desenvolvimento anormal do caráter?

A Ciência Esotérica também possui uma explicação tradicional para êste problema. Começa por assentar a premissa de que a Evolução da qual formamos parte não é a única, pois tem sido precedida por outras e será seguida por outras mais. Declara também que a Evolução não é um processo cego, mecânico e material, explicável em termos físico-químicos, e sim constitui essencialmente um processo mental, a vinda à manifestação ou corporização em forma concreta de uma idéia da Mente Divina. A Ciência Espiritual declara, além disso, que os sujeitos a esta evolução podem tomar parte e ajudar na obra, porque tão logo nos tornemos conscientes de uma idéia que a Mente Divina está expressando, nós mesmos nos pomos a expressá-la, damos-lhe forma concreta e a incorporamos em nossas vidas, tomando, assim, sobre nós mesmos a obra da Evolução. Então estamos cooperando conscientemente com Deus, porque é raro aquêle que tenha alcançado uma compreensão do objetivo maior, e permaneça passivo. Esta grande idéia frutifica dentro de si mesmo em forma tão vigorosa, que se vê obrigado a colonizar mentalmente, da mesma maneira que uma nação forte e cheia de vida coloniza fisicamente.

Recebemos a iniciação espiritual quando nos tornamos conscientes da Divindade que mora em nós e nos pomos em contato com ela também fora de nós.

É um fato bem conhecido de que os semelhantes se atraem e que tarde ou cedo somos arrastados à sociedade de nossos semelhantes. E isto é especialmente certo entre os que se puseram em contato com o Divino: as grandes correntes mentais que circulam pelo Cosmos, da mesma forma que as correntes magnéticas que circulam pela terra, o arrastam indefectivelmente para seu lugar adequado. Por êste motivo a Ciência Espiritual nunca sai a buscar seus discípulos, pois sabe que seus discípulos virão a ela. Nunca vemos as lojas ocultas anunciadas em cartazes, porém sentimos quando se estabelece uma corrente determinada na mente dos seres humanos.

De que maneira alcança o ser humano o ponto de maturidade necessária para obter esta profunda experiência espiritual? Já vimos que só as pessoas de um caráter especial são as que recebem a iniciação. Como se adquire êsse caráter?

A Ciência Espiritual dá as explicações necessárias de acôrdo com a doutrina da reencarnação, ou seja, com a teoria de que a alma imortal toma muitos corpos, adquirindo experiência e desenvolvendo seu caráter em cada um dêles, abandonando cada um dêles quando cumpriu seu objetivo, e tomando um nôvo para prosseguir seu trabalho. A Ciência Esotérica fala sempre em têrmos de Evolução, enquanto que o ser humano pensa em têrmos de uma encarnação, de uma só vida, e esta diferença de ponto de vista influencia fundamentalmente sua atitude para com a vida. Para alguns a morte significa o fim de tudo; para outros, é apenas o final de um aspecto ou uma etapa. Para uns, é um cataclismo; para outros, um simples pôr do Sol.

Se no curso das longas idades da Evolução, uma determinada alma demonstra aptidões para ser educada e capacidade para aproveitar os frutos da experiência, em proporção muito maior do que seus semelhantes, essas Grandes Inteligências, que são o fruto de passadas evoluções e que estão conscientemente cooperando com a Mente Divina, concretizando a idéia abstrata do Bem, da mesma forma que o fazemos nós — quando nos tornamos conscientes do Divino —, essas Grandes Inteligências selecionam o indivíduo dentre a massa de seus semelhantes e começam a dar-lhe um ensino especial, não para seu próprio benefício, senão porque vêem nêle um futuro colaborador. Quanto mais colaboradores com a Divindade existirem para servir de leveduras para a massa inerte da vida evolucionante, tanto mais fácil e rápido será o progresso da Evolução. A Tradição Esotérica declara que tão logo uma mente esteja bastante adiantada para captar e compreender seu significado, ela se põe em contato com a teoria esotérica da Evolução, de maneira que, conhecendo o plano, possa cooperar com o trabalho. Porém, muitíssimo antes de o indivíduo estar maduro para a realização consciente desta grande obra, sua mente vai sendo adestrada, disciplinada e preparada convenientemente, e esta preparação pode atravessar várias encarnações, antes que a consciência individual se

aperceba do processo ao qual tem sido submetida, até o momento em que o indivíduo segue o seu trabalho por sua própria conta.

Se se recupera a memória das vidas passadas desses indivíduos, mediante os processos conhecidos pela Ciência Espiritual, pode-se ver claramente todo o processo da preparação e adestramento, mostrando em cada vida seu tipo particular de experiência e sendo todo o seu curso muito mais cheio de acontecimentos e aventuras que o de seus semelhantes. Em poucas vidas foram condensadas assim muitas aventuras. Sua educação é também muito mais penosa e dura, porém junto com o fardo muito mais pesado vem também uma fortaleza maior.

Vida após vida esta concentração de experiências segue adiante, até que finalmente o indivíduo é conduzido ao ponto no qual pode receber a iniciação física, geralmente em algum grau menor, porém que, no entanto, serve de ponto de partida para a oportunidade. Ao estudar estas memórias, costuma chamar a atenção o fato de que esse indivíduo frequentemente aparece vinculado a algum templo ou outro centro de conhecimento esotérico em algum posto de pequena hierarquia, tal como o de zelador, operário ou empregado na rotina do rituais.

Não parece que o ensino interno seja dado ao produzir-se o primeiro contato com a Ciência Oculta. A primeira coisa com que se trava conhecimento é com o ritual, a forma exterior. Porém isso basta para despertar a curiosidade, e se uma mente pode ser estimulada a fazer alguma pergunta, isso mostra que está pronta para receber a resposta.

Se observarmos a história deste indivíduo, o veremos avançar e retroceder como as ondas do mar, de acordo com o emprêgo que faça de suas oportunidades, porém se realmente êle triunfa e vai tornar-se um dos grandes iniciados, vemo-lo avançar firmemente, apesar de todos os obstáculos, abrindo seu caminho gradualmente até os conhecimentos mais profundos. Vemo-lo encarnação após encarnação, recebendo as iniciações dos Mistérios de seu tempo e raça, utilizando as experiências de cada vida como ponto de partida para a próxima.

É interessante notar que o que se adquire uma vez, jamais se perde. A capacidade e a aptidão subsistem embora desapareça a memória, e tudo o que foi aprendido se armazena na subconsciência e vai constituindo os alicerces do caráter. Em cada uma de suas vidas vemos como recapitula rapidamente os progressos feitos nas vidas anteriores, até chegar ao ponto em que o deixou na última, para começar imediatamente o laborioso processo de adquirir as novas experiências. Este fato explica os rápidos progressos alcançados por alguns, enquanto que outros têm que abrir seu caminho trabalhosamente, porém devemos sempre recordar que o trecho do caminho que percorremos hoje tão penosamente, será recapitulado rapidamente quando a aurora de uma nova encarnação aparecer em nossa existência.

Consideremos agora o que acontece em nossa vida atual, se já seguimos esse caminho no passado. Logo que começamos a pensar por nós mesmos, encontramos-nos no mesmo ponto em que ficamos quando partimos. Embora não tenhamos ainda os dados reais sobre os quais possamos basear nossas opiniões, percebemos que nossa mente já possui certas conclusões, as quais, para os que não vêem as coisas de nosso ponto de vista, parecem prejuízos irracionais. No entanto, formam parte tão intrínseca de nosso ser interno que nenhuma prova nem argumento pode nos fazer vacilar; sabemos da mesma forma como sabemos que temos pés e mãos, porque este conhecimento já foi conquistado por nós em séculos de experiência e a pressão de uma só vida é insuficiente para nos obrigar a sair dessas sendas tão gravadas. Assim é que ocorre que uma pessoa possa passar toda a vida sem encontrar a menor simpatia ou apoio para seus pontos de vista, e contudo manter-se firme. Mas, tarde ou cedo, talvez mesmo não seja antes que no momento de morrer, será atraída para a companhia de seus irmãos e companheiros.

Estas idéias parecem como se fôsem inerentes à mente, e por isso são em seguida recordadas, e cada vislumbre fugitivo que tenha relação com a matéria, grava-se na memória, como se tivesse uma fascinação peculiar própria. Todos nos recordamos, sem dúvida alguma, ter lido muitas novelas, cujo argumento esquecemos por completo, porém que, se

nelas se fez a menor referência aos Mistérios, rapidamente os recordamos. Todos os estudos desta natureza chegam ao estudante com facilidade, porque realmente êle não está aprendendo, mas recordando; não está induzindo novas idéias em sua mente pela primeira vez, e sim, está recordando conscientemente o que tinha já no subconsciente. Uma grande parte de nossa subconsciência persiste de vida em vida. É apenas a mente consciente que temos que construir de nôvo em cada encarnação.

O estudante recuperará de sua subconsciência muitas recordações de coisas aprendidas no passado, recordações que êle mesmo pode tomar como revelações, já que são tão estranhas à sua consciência normal. Não é provável, no entanto, que o estudante, nesta etapa de sua carreira, se ponha a ler os "Registros Akásicos", senão que, antes, esteja explorando as profundidades de sua própria mente subconsciente, cujo conteúdo é muitíssimo maior do que êle poderia suspeitar.

Esta derivação ou extração de conhecimentos da subconsciência pode muitas vêzes ser tomada pelo estudante como um auxílio ou ensino proveniente do exterior, e, embora êste erro seja comum, não se deve por isso deduzir que êsse auxílio exterior não ocorra também. Realmente, êste auxílio está sempre presente, e tudo depende do poder que tenhamos para nos aproveitar do mesmo.

O auxílio exterior vem sempre ao estudante quando tenha progredido suficientemente para que disso possa beneficiar-se, e são muitos que se poderiam contar como "casualidade", apresentaram-se ante êles tantas vêzes seguidas, que teria sido impossível negar-se que algo os motivou. No entanto, devemos recordar que o poder da mente sôbre as circunstâncias é tão grande, que nunca deveríamos cometer o erro de olhar fora antes de haver olhado dentro. Ademais, podemos fazer muito para conseguir o que desejamos utilizando o poder da mente. É muito difícil superestimar o poder de um desejo claramente formulado e continuado.

É assim como o desejo formulado se lança em busca do Mestre e não precisa ir muito longe. Se o estudante é realmente digno, encontrará em seguida também sua recompensa.

sa mediante a sensação de ter conseguido estabelecer esse contato mental, ou se aperceberá de que a "casualidade" o pôs em contato com alguma fonte de informação oculta e de adestramento, e que o seu trabalho consciente pode começar imediatamente. A porta está aberta: pode percorrer a Senda.

PREPARAÇÃO DA INICIAÇÃO

O OBJETIVO da Iniciação é produzir a iluminação da alma por meio da Luz Interna. Portanto, antes de começar a considerar os melhores meios de preparação para esta empresa, preciso explicar exatamente o que se entende por Iniciação, porque há muitos conceitos distintos sobre a mesma.

A palavra Iniciado, empregada nestas páginas, significa aquele em que o Eu Superior, a Individualidade, se entrefundiu com a personalidade e se encarnou realmente no corpo físico. Um Iniciado é, por conseguinte, aquele cujo Eu Superior nos olha através de seus olhos. A personalidade fica reduzida a um jôgo de hábitos e costumes, um complexo de vida, que deixa o Eu Superior livre para levar a cabo sua obra, com o mínimo de exigências relativamente à sua atenção ao Plano Físico.

Esta Grande Iniciação se recebe sempre e invariavelmente fora do corpo. Não há ritual que possa conferi-la, ainda que o ritual seja empregado no Ocidente para adestrar e coordenar a consciência, como preparação indispensável para esta experiência transcendental. Também se passa por ela em plena consciência, conservando a memória da mesma. Muito amiúde se nos pergunta se é possível estarmos iniciados sem o saber. A esta pergunta temos de responder com um forte não. Além disso, seria absurdo pensar que poderíamos receber inconscientemente uma extensão permanente da consciência.

No entanto, costuma acontecer que um Mestre tenha aceito como discípulo alguma pessoa, sem que esta se dê conta disso, devido ao escasso desenvolvimento de suas faculdades psíquicas, e então esta pessoa só vem a conhecer êste fato quando progrediu até um certo ponto.

Nestes casos um psíquico poderia informar essa pessoa que foi aceita como discípulo da Grande Fraternidade Branca e que, portanto, já se encontra na Senda que leva à Iniciação, porém seria um êrro dizer-lhe que já estivesse iniciada. O sêlo do Mestre fica estampado na aura do discípulo, quando êste é aceito, e resplandece ante a visão clarividente como um disco de umas seis polegadas de diâmetro, imediatamente acima da cabeça, sendo o disco côr do Raio sôbre o qual o Mestre esteja trabalhando. Quando o discípulo recebe algum trabalho que deve realizar para o seu Mestre no Mundo Material, a faixa correspondente da côr na aura se acende, mostrando, assim, que o poder do Mestre está operando através do discípulo. Porém, enquanto tôda a aura não fique iluminada completamente, não se pode dizer que um ser humano seja um Iniciado. Isto se produz quando brilha com sua própria luz, e não com a emprestada do Mestre. Portanto, a Iniciação pode ser definida como a aurora da Luz Interna, ou o advento à manifestação no Mundo Físico do Augoeides ou Corpo de Luz.

Pode-se considerar que a lua apresenta a personalidade, crescendo e decrescendo através de inumeráveis fases encarnatórias refletindo a Luz Solar ou a Sombra Terrestre. O Eu Superior, ou seja, o Espírito imortal do ser humano, está simbolizado pelo Sol que brilha perpétuamente no Céu, vejamo-lo ou não. Êstes símbolos recompensarão bastante a quem medite sôbre êles.

O Eu Superior começa a manifestar-se no corpo físico quando tem lugar a Iniciação. Não temos mais que considerar a grande diferença que existe entre a Individualidade e a personalidade, no ser humano comum, para podermos perceber a imensa preparação que deve ter lugar antes que esta manifestação seja possível. Além disso, não podemos deixar de ver que se esta manifestação fôsse tentada antes de ter havido a necessária preparação, o Eu Superior des-

cedente encontraria uma disparidade tão grande entre ele próprio e sua vestimenta mal ajustada, que não tardaria em desgarrar-se e destruir-se. Este acontecimento pode ser observado de vez em quando entre os Ocultistas e constitui um dos problemas que trazem lutas a várias fraternidades.

Antes que seja possível o Eu Superior começar a manifestar-se na consciência cerebral, a personalidade tem de se sintonizar com a Individualidade. A Individualidade passa a sua existência nas esferas espirituais da mesma forma que a personalidade a passa na esfera mundana. As ações da individualidade se inspiram no desejo de manter-se em harmonia com a Vida Divina do Cosmos, donde recebe o seu ser, enquanto que as ações da personalidade são determinadas pelo seu desejo de manter sua harmonia com o Mundo da Matéria, donde o corpo tira o seu próprio ser. Portanto, é evidente que a personalidade terá de reorientar completamente sua posição antes de poder alinhar-se com o Eu Superior.

Temos que nos preparar para mudar a base de todos os nossos motivos se queremos receber a Iniciação. Isto requer uma unidade de propósito que não retroceda ante nenhum sacrifício. "Vende tudo o que tens e segue-me", disse o Mestre. E também: "Deixai que os mortos enterrem seus mortos. Segui-me". Estas palavras parecem um pouco duras, porém a experiência demonstra que são verdadeiras. Não há razão alguma para que alguém se ofereça como candidato à Iniciação, porque todos podem alcançar a meta da União Divina pela senda espiritual da Evolução; mas, por outro lado, não devem declarar que os antigos segredos foram perdidos, porque, não querendo pagar o seu preço, não receberam a Grande Pérola de inestimável valor.

Tanto a personalidade como as coisas dos sentidos têm que ser sacrificadas para que o Eu Superior possa manifestar-se: não pode haver dúvida alguma sobre este ponto. Todos os Iniciados assim o declaram. Ante semelhantes manifestações, nos sentimos inclinados a acreditar que, tendo sacrificado a personalidade, nos encontraremos despojados de tudo. Esta crença se deve a que mentalidade ocidental ainda se adere à idéia de que a morte do corpo significa o fim da

existência. E da mesma maneira cremos subconscientemente que a morte da personalidade termina com o pleno gozo e plenitude da vida. Ao pensar em semelhante coisa, esquecemos que o comerciante que vendeu tudo o que tinha o fez para comprar a Grande Pérola. É verdade que vendeu tudo o que tinha, porém foi para invertê-lo em algo de muitíssimo maior valor. O relato evangélico implica que se levou a Pérola triunfante. E o mesmo acontece conosco se fazemos o sacrifício das coisas dos sentidos, que permita a encarnação do Eu Superior no corpo físico. Há um período de luta conforme se vão rompendo os fios que nos uniam aos desejos dos sentidos, mas tão logo se vão limpando as coisas apreciavelmente, começa a despontar a Luz Superior. Não permaneceremos muito tempo sem consôlo.

"Não serão nossas trevas, depois de tudo, a Sombra de Sua Mão, que se estende para nos acariciar?"

Enquanto a consciência se focaliza na personalidade, não podemos pôr-nos em contato direto com as realidades, e só podemos ver seus reflexos no Mundo da Forma. A chamada do Eu Superior serve para erguer-nos e desviar nosso olhar do espelho de nossa consciência da forma, dirigindo-a para a Realidade que é vida e não forma. Esta meia volta é o que constitui a tarefa da alma em busca da Iniciação.

Conforme a personalidade se vai submetendo gradualmente ao Eu Superior, a Luz Interna começa a resplandecer. Os casos em que a iluminação se produz súbitamente são muito raros e quase sempre cegam e incapacitam a pessoa, como aconteceu a São Paulo no caminho de Damasco. Portanto, isto só é permitido em casos de almas muito avançadas, que foram preparadas e adestradas até um grau muito elevado em existências anteriores e que se reencarnaram com êste propósito, formando suas personalidades acordemente. Para o resto dos aspirantes à Iniciação, a Luz Interna começa a despontar muito suave e gradualmente, com muitos intervalos de trevas que a obscurecem de vez em quando, quando os desejos sensoriais surgem novamente, mesmo depois de terem sido considerados completamente vencidos.

Tendo alcançado esta libertação da escravidão dos sentidos, abrem-se ante o Iniciado dois caminhos: pode seguir

a Senda Mística, que leva diretamente à libertação, ou pode seguir a Senda Oculta e voltar ao mundo dos homens equipado com os poderes da Mente Superior.

É digno de se notar que geralmente o Misticismo não fala nem ensina a doutrina da Reencarnação, enquanto que o Ocultismo assim o faz. A razão é que o Místico cuida de fugir da escravidão da carne para não mais voltar a ela, enquanto que o Ocultista quer voltar à matéria, trazendo consigo o fruto de seus trabalhos. Os dois ideais são legítimos e justificáveis. O místico que segue seu caminho até alcançar a libertação, não deixa de continuar a exercer uma influência no mundo, pois com sua realização liquida grande porção do Carma Mundial. Por êste motivo os místicos se dedicam a muitas austeridades e mortificações, muito depois de terem se libertado dos desejos da carne: estão liquidando o Carma Mundial.

O Ocultista, por sua vez, só se sujeita às mortificações mais indispensáveis para submeter a carne e fazê-la obedecer à sua vontade soberana sem reclamar. Seu plano é constituir-se tal personalidade que o seu Eu Superior possa agir nela sem obstáculos. Deve assemelhar-se a um cavalo brioso e forte, que obedece instantaneamente, sem necessidade de rédeas nem de esporas. Seus sentidos não poderão assim enganá-lo nem suas paixões poderão cegá-lo. Usa o seu corpo como uma janela aberta para sua alma, que nunca deforma o que êle vê. Com êste objetivo é que disciplina seu corpo, porém nunca trata de reproduzir a Crucificação.

O místico torna sua personalidade negativa, para assim se converter em um canal de Fôrças Cóslicas. Sua atitude com relação a todos os problemas que lhe possam ser apresentados é de: "Aquieta-te e sabe que Eu Sou Deus." Mantém-se sereno e quieto no plano mundano, deixando que os poderes espirituais encontrem nêle um canal pelo qual possam chegar à mente coletiva durante suas meditações. O ocultista, de seu lado, ocupa-se das formas e utiliza sua mente concreta para converter essas formas em canais para as Fôrças Cóslicas. O místico trabalha como Eu Superior exclusivamente; o ocultista leva o Eu Superior a manifestar-se no plano da forma.

O místico, desde que se libertou da escravidão de seus sentidos, contenta-se com as experiências de sua consciência interna; não cuida de trazê-las à manifestação no plano terrestre.

O ocultista, por seu turno, tendo alcançado a mesma realização que o místico, trata de trazer ao plano da forma o estado de consciência que conquistou. E faz isto se é um Irmão da Senda da Direita, porque, para cumprir o Grande Plano, é necessário que certos ideais sejam expressos e elaborados no Mundo da Forma, porém jamais o faria para satisfazer suas próprias sensações. Esta foi a prova com que o Senhor foi tentado no Deserto: "Faze que estas pedras se convertam em pão". Ele era o Místico-Ocultista Ideal, como foi demonstrado ao converter a água em vinho e passar através das portas fechadas, mas Ele jamais utilizou Seus poderes a não ser no cumprimento de Sua Missão, e vale destacar que conforme Ele avançava para o seu final, as empregou cada vez menos.

A grande maioria das almas libertas escolhe a Senda Mística, transpondo, assim, a nossa Esfera Terrestre. Só uns poucos dos que alcançaram a libertação escolhem sacrificar-se e voltar novamente ao Mundo das Formas, pôsto que não têm desejo algum que os possa arrastar a uma nova encarnação, o que para eles significa viver num cárcere. Seu único motivo é o desejo de aliviar a carga da confusão do mundo. Também não se deve pensar que o místico deserte do mundo quando o abandona, porque sempre pedirá por ele, e esse grande corpo de almas em oração alivia o tremendo Carma do Mundo nos Planos Internos.

O místico serve de uma maneira e o ocultista de outra. Ambos são necessários para a grande obra cósmica da regeneração e da Evolução. Nenhuma função pode existir a não ser por meio da dualidade: a inter-relação dos aspectos positivo e negativo da mesma fôrça. O místico constitui um pólo da Energia Crística e o ocultista é outro. De acôrdo com a bem conhecida lei oculta de polaridade alternativa nos distintos planos, o místico é negativo nos planos da forma e positivo nos planos da energia, enquanto que o ocultista é positivo nos planos da forma e negativo nos planos

da energia. Daí ter o ocultista sempre necessidade de invocar forças que o ajudem em sua obra, empregando com este objetivo a magia ritual em seus diversos tipos, desde a simples invocação realizada com um sinal, até as mais complicadas figuras e movimentos que se realizam nas lojas.

O melhor desenvolvimento, o que se busca mediante a disciplina e adestramento da Comunidade da Luz Interna, obtém-se mediante um equilíbrio justo das forças positivas e negativas da alma, assim mantidas pela vontade, de maneira tal que o juízo próprio pode fazer pender a balança em qualquer direção. A alma que tem uma inclinação para o Ocultismo, a fazem trabalhar segundo as regras místicas. Até chegar aos Mistérios Maiores, não é permitido ao indivíduo seguir sua vocação natural, mas então se lhe dão uma educação e ensino especialmente adaptados à sua capacidade.

O motivo desta aparente violência contra sua natureza será em seguida compreendida. Se a alma naturalmente inclinada para o misticismo se desenvolvesse só de acôrdo com a sua tendência, adquiriria uma penosa falta de equilíbrio, como pode notar-se entre aquêles que vivem demasiado no Invisível. Sua estada nos planos da forma não guarda relação com seu contato nos planos da Fôrça; por conseguinte, as forças rompem os limites da forma e se difundem num pântano de espiritualidade emocional, perdendo-se e malgastando-se, como as águas do rio, que, extravasando o leito, transformam-se num pântano pegajoso no vale outrora fértil e florido. É possível que êsse pântano produza uma vegetação aquática e limosa, porém não será nem terra nem água, e seria completamente inútil para todo propósito prático no serviço da humanidade.

Ao ocultista, por seu lado, se se lhe permite, desde o princípio de sua preparação, entregar-se ao seu amor pela forma e intelectualidade, acabará por encontrar-se fechado dentro de suas formas e perderá os contatos viventes, que só podem dar vida aos símbolos ocultos. No entanto, se êle adota a disciplina de se pôr em contato com as diferentes forças mediante sistemas puramente intuitivos e de meditação, adquirirá o poder de efetuar êstes contatos independentemente do uso de fórmulas e rituais mágicos. Então, quando chegar a uma etapa mais avançada de seu desenvolvi-

mento, lhe serão ensinados os métodos tradicionais das artes, e será capaz de ter acesso a uma soma infinitamente maior de poder do que poderia conseguir o Iniciado que não seguisse este método.

É absolutamente vital para a educação oculta do estudante que ele compreenda perfeitamente os princípios do Ocultismo e que jamais empregue suas fórmulas cega e supersticiosamente.

E nos recordemos sempre que uma cadeia não é mais forte do que um débil elo.

Nem o místico nem o ocultista poderão expressar no plano da manifestação mais do que sejam capazes de polarizar dentro de suas próprias naturezas.

A SENDA DO LAR DOMÉSTICO

MUITOS são os que, ao ter pela primeira vez conhecimento da Senda da Iniciação e dos Mestres, que chamam as almas eleitas para o seu serviço, e recebem esta nova como uma revelação ou o som de uma trombeta. Não precisam nenhum argumento para se convencerem: tôda a sua alma se ergue espontâneamente, em respôsta. Os sacrifícios e as disciplinas da Senda não encerram terrores para êles: tudo o que querem é a oportunidade.

Porém, na maioria dos casos, estas almas não estão livres para fazer uso da oportunidade que se lhes oferece: estão atadas às cadeias do dever ou das circunstâncias. A não ser que se interessem pelos direitos e bem-estar dos demais, lhes é impossível pôr os pés na Senda. É justo sacrificar os demais para servir o Mestre? Qual é o dever principal: o serviço dos Mestres ou o serviço da Família e do lar? Esta é uma grande questão, que se repete sem cessar, e sua resposta não é tão fácil nem simples como crêem alguns.

Quando uma alma responde espontâneamente a esta chamada da Senda, é evidente não ser essa a primeira vez que a ouviu. Nas vidas passadas atravessou o véu do templo e guarda esta reminiscência em sua mente subconsciente. E se isto é assim, por que lhe vem a chamada num tal momento nesta vida, em que não pode respondê-la a menos que rompa com a fé jurada e esqueça vínculos sagrados?

O carma é o único que pode responder a esta pergunta. Deve existir algo no carma individual que tem que ser li-

quidado antes da alma se encontrar pronta para entrar na Senda, e as limitações que implicam seus os deveres familiares caem sôbre ela de tal forma que constituem sua disciplina adequada. O caminho que ela tem de seguir é conhecido como a Senda do Lar Doméstico, e é um caminho tão certo e verdadeiro para a Iniciação como qualquer outra disciplinada que possa ser imposta pelas fraternidades ocultas.

Não é um caminho mais rápido nem mais lento do que qualquer outro para a Iniciação. Um construtor pode gastar muito tempo para reunir todos os materiais que necessita para levantar a casa que projetou; pode ser que tenha de preparar êstes materiais seção por seção, até passar dias e semanas neste trabalho, sem que nenhuma parede comece a erguer-se. Então, depois de muito trabalho preliminar cuidadoso e precioso, chega o momento em que já está pronto para reunir as partes que tão laboriosamente foi construindo, e talvez em poucas horas tôdas as partes perfeitamente ajustadas se juntem e encaixem, e tôda a construção é levada a cabo.

Outro tanto acontece com a preparação para a Iniciação. O candidato pode empregar muitos anos em sua preparação preliminar, disciplinando a mente e o corpo, aprendendo tôdas as lições da vida, afrouxando os pretextos de seus sentidos e seus sonhos materialistas, enquanto espera paciente-mente sua tão desejada admissão aos Mistérios. E depois que a árdua e pesada tarefa fôr cumprida, chega o momento, talvez já no final de seus dias, em que a oportunidade tão desejada se apresenta. Então descobre que os anos passados em cumprir tão nobremente seus pesados deveres, o elevaram, sem que o percebesse a sua consciência, por muitos e diversos graus de disciplina e de iniciação; e quando ingressar nos Mistérios, passará rapidamente pelo recinto externo e em seguida será admitido no Templo. Se a Vida lhe ensinou as lições da disciplina oculta, o Iniciador Menor não tem necessidade de lhas ensinar, senão que, havendo-as comprovado por sua própria experiência, responsabiliza-se pelo candidato ante o Grande Iniciador.

Deve-se alcançar certo grau de experiência antes de estar pronto para a iniciação. As cadeias sensoriais devem ter afrouxado por si mesmas antes de que estejamos em condi-

ções de realizar a Grande Renúncia do sentido da vida pessoal. Há três Iniciadores que nos levam ante o altar dos Mistérios: o Grande Iniciador, que é o Mestre; o iniciador menor, que é o instrutor, e o nosso Eu Superior, que é quem ensina e educa mediante as lições da vida e a realização que essas experiências nos dão.

A disciplina da Senda não pode ser aprendida em livros; só a experiência nos traz a realização. Aceitemos, pois, nosso carma como nossa primeira iniciação. Lutemos por adquirir o domínio de nós mesmos em qualquer circunstância, o que nos proporcionará uma grande serenidade em tôdas as condições que se nos apresentem. Tem que se suportar o que não se pode remediar. O Adepto é um ser humano de serenidade imperturbável, porque se domina completamente. Devemos adquirir o completo domínio do Reino Astral das Emoções, porque uma vez que o tenhamos conseguido, teremos a chave do Mundo Astral na mão, pronta para ser empregada quando o Iniciador nos levar ao seu umbral.

De outro lado, é nosso dever iniludível, como cavaleiros e cruzados de Deus, resistir a tôdas as injustiças e impor a lei da harmonia em qualquer lugar onde Deus nos colocar. "Qualquer coisa que tua mão encontre para fazer, faz-a com tôda a tua fôrça." O que pode ser remediado não há porque suportá-lo, se o valor e engenho humano encontrarem a forma de fazê-lo.

Não devemos permanecer boquiabertos, sentados, acobrunhados sob o pêso de um mal remediável, nem queixar-nos continuamente de um mal irremediável. Devemos aceitar voluntária e alegremente as coisas, ou repeli-las valente e decididamente.

Se vivemos nossa vida diária de acôrdo com os Princípios Cósmicos, iremos liquidando qualquer carma que tenhamos que pagar nesta encarnação, conquistando assim a libertação. Da experiência assim adquirida provém a preparação da alma e seu rápido avanço nos Mistérios, uma vez que já se tenha ganho o direito de ser admitido nos mesmos.

Há muitas causas que podem atar-nos com as cadeias do dever às personalidades e trabalhos comuns da vida, ao mesmo tempo que nossa alma deseja ardentemente servir

os Mestres e combater a maldade espiritual em altas esferas. É possível que tenhamos fracassado em algumas provas no passado e agora tenhamos que repassar por elas. Podemos observar exemplos disto ao nosso redor todos os dias. Um estudante pode ser aprovado com brilhantismo em tôdas as matérias de seu grau, porém pode ter fracassado em uma delas apenas, sendo-lhe então impossível obter o diploma. Deve voltar a estudar novamente, sendo até possível que fracasse mais de uma vez antes que algum exame elementar de matemática ou línguas lhe dê a passagem definitiva.

Tal soi acontecer com a alma na qual podemos perceber elevadíssimas aspirações, porém que ainda se encontra ligada a seus deveres mundanos. Com tôda certeza essa alma estará completando alguma das provas preliminares tão essenciais para obter êxito nos trabalhos do Ocultismo aplicado. Uma vez passadas essas provas, poderá alcançar o grau superior, que talvez em grande parte já tenha completado.

Acontece também algumas vêzes que almas que já tinham avançado muito nos Mistérios, se deixem prender de nôvo por laços do amor humano e forjem novas cadeias cármicas. Então, nas vidas seguintes terá de liquidar essas novas dívidas. Algumas vêzes êstes desvios se devem a paixões dos sentidos; outras vêzes pode ser um motivo superior o que determine a escolha, e por pura compaixão uma alma que já viajou muito ràpidamente pode volver-se para estender sua mão amiga a algum ser querido que anda muito devagar. Raramente se pode julgar a sabedoria de alguma decisão tomada nas vidas passadas, mas sempre restam obrigações para satisfazer. E se escolheu a piedade e paciência, tem de aceitá-las agora voluntária e alegremente, se é para colhêr o bom carma assim criado.

No entanto, não basta reconhecer que a escravidão dos deveres do lar possa ser uma dívida cármica, nem basta compreender que é o Caminho da Luz. Se o lar deve converter-se num Templo de Iniciação para a alma, todos os seus deveres devem ser realizados como um ritual. Enquanto odiarmos ou nos enfatiarem os humildes deveres do lar, embora os executemos com a maior fidelidade, êsse lar não poderá ser um Templo. Se os executarmos mal, então "fracassaremos

na iniciação", e isso, como o sabe todo estudante de ocultismo, é coisa muito séria e grave.

Com o objetivo de fazer do lar um Templo de Iniciação para a alma, todos os deveres devem estar dominados por dois ideais: amor e beleza. Seus serviços têm de ser prestados com simpatia e alegria, e devemos fazer que todos os seus detalhes sejam formosos. Mesmo na habitação mais desnuda e desprovida, pode criar-se uma atmosfera de limpeza e ordem perfeitas. Se sequer eliminássemos o superfluo de nossas casas e conservássemos o que ficasse em perfeita ordem, teríamos conseguido a beleza perfeita, como bem pode demonstrá-lo o desnudo refeitório de um convento.

Se nossos problemas familiares são muito difíceis, ponhamos imaginativamente uma boa poltrona no lar e um lugar na mesa para o Hóspede Invisível, e vivamos nossa vida e façamos nosso trabalho sob a luz dessa Presença Invisível.

Se dirigimos nossos lares com amor impessoal e desinteressado, e com serenidade de coração, sem esperar nenhuma recompensa e cumprindo nossos deveres para satisfazer as necessidades daqueles aos quais assistimos, nossa casa será um verdadeiro Templo do Fogo do Lar, onde podemos certamente receber a Iniciação. Mas recordemos sempre que deve existir a serenidade de coração tanto como o fiel cumprimento do dever. Esta serenidade é a prova de que vencemos o Carma. Enquanto estivermos dando murros em ponta de faca, teremos ainda que aprender alguma coisa de nossas circunstâncias.

Tratemos de manter nossos lares sempre prontos para o advento do Cristo caminhante, Aquêle que, segundo o antigo relato, vai e vem entre os homens, dizendo: "As rapôças da terra têm seus covis e as aves do ar seus ninhos, porém o Filho do Homem não tem onde reclinar sua cabeça."

Para que Ele venha, não basta que a casa esteja limpa e engalanada, porém que o espírito do lar floresça em paz e boa vontade e, sobretudo, em *serenidade*, que é a verdadeira chave do lar.

O IDEAL DO INICIADO

QUANDO falamos das Sendas, referimo-nos a algo superior a cursos de estudos. A Senda é uma maneira de viver e todo o nosso ser tem que cooperar, se desejamos alcançar as alturas. Quando o aspirante se desperta para as possibilidades da Iniciação e se põe em marcha em busca do Grande Iniciador, não tardará muito em encontrar alguém que esteja pronto para guiá-lo; e sua perplexidade em relação à direção que deva seguir, se tornará agora uma ansiedade em relação à escolha do guia.

Nunca recordaremos o bastante aos leitores que o Grande Iniciador vem no Silêncio e à consciência superior, e nunca é um ser humano, por mais natural e isolado que o imaginemos. Os servidores dos Mestres no Mundo Físico o mais que podem fazer é preparar o candidato. No entanto, pode ser de grande valor indicar o tipo de caráter que é necessário desenvolver para que o aspirante seja aceito como neófito no Templo dos Mistérios, êsse Templo não construído por mãos e que é Eterno nos Céus.

Tôda a educação e disciplina da Senda, em suas primeiras etapas, tendem principalmente à produção de um tipo de caráter definido. Sejam quais forem as variações da qualidade e quantidade intelectuais, por assim dizer, o tipo de caráter é sempre o mesmo. Êste é o primeiro que nos impressiona ao nos encontrarmos com aquêles a quem reconhecemos justamente como iniciados.

Estas pessoas têm uma grande simplicidade de vida e uma grande serenidade em sua conduta. O iniciado não se perturba em meio da catástrofe nem do horror. Possui muitas das qualidades dos viajantes das terras virgens, especialmente a habilidade de ficar sempre parado e sorridente diante das circunstâncias mais inesperadas e surpreendentes. Encontra-se igualmente contente e em conforto tanto no rancho mais humilde como nos mais importante palácio.

Este equilíbrio e serenidade harmoniosos e espontâneos são o resultado inevitável da disciplina a que êle mesmo se sujeita, porque aprendeu a dominar suas emoções e aniquilar seus desejos. É muito difícil alterar a equanimidade de uma pessoa que conquistou estas qualidades. Ama a simplicidade, a limpeza e a quietude; porém se não pode consegui-las, encerra-se e amuralha-se numa fortaleza criada por seus próprios pensamentos, e mantém sempre sua equanimidade imperturbável.

Não é fácil esconder sua luz "sob o alqueire", porque a preparação que recebeu deixou um sêlo sôbre êle e os demais sentem que estão ante uma pessoa de poder, retraída e remota, embora se encontre em plena reunião social. O verdadeiro iniciado jamais se faz notar com excentricidade. Ao contrário, evita cuidadosamente chamar a atenção do mundo e vai e vem em suas ocupações, tão desapercibido e insignificante quanto lhe seja possível. O amplo manto negro, o casquete chamejante ou a jóia misteriosa não pertencem ao verdadeiro estudante da Ciência Sagrada. Tão-sò o charlatão é que cuida de chamar a atenção sôbre si mesmo.

O Adepto, o ser humano que alcançou o cume, está sempre sereno. Tem que ser muito sensitivo, devido ao trabalho que desenvolva; porém, com essa sensibilidade conquista também o conhecimento e a disciplina que podem controlá-la. Se não pudesse defender sua sensibilidade pelos meios apropriados, não permaneceria muito tempo na tormentosa senda do Ocultismo. Se o ocultista é "um feixe de nervos", é porque cometeu algum êrro grave no curso de seu trabalho. O estudo do Ocultismo não é mais prejudicial à saúde do que o possa ser a prática do atletismo, embora em ambos os casos as exigências e desmandos sôbre a vitalidade e a for-

taleza do indivíduo sejam tão grandes que qualquer debilidade latente que exista tenderá a aparecer; e se não puder ser corrigida, a vítima terá que abandonar tôda idéia de treinamento.

Creemos desnecessário dizer que qualquer sistema de preparação e adestramento que produzam debilidade física e desequilíbrio mental, é errôneo e prejudicial, embora existam certos sistemas bem conhecidos que produzem estas coisas com tanta regularidade que seus adeptos as aceitam como parte da senda.

Nossa experiência nos tem mostrado que todos os estudantes muito adiantados em Ocultismo, e especialmente aqueles que são peritos em sua prática, são pessoas de muita fortaleza física, de amplíssima cultura e que sabem fazer uso de suas mãos. A mão desempenha uma parte importantíssima nos trabalhos ocultos, e a pessoa que pode expressar sua vontade e sua imaginação por meio dos músculos delicados de suas mãos, poderá sempre realizar as operações práticas. Todos os estudantes de Ocultismo reconhecem perfeitamente a importância dos trabalhos manuais.

A amplitude de conhecimentos sôbre cultura geral que costuma ter o iniciado, é surpreendente, o que provavelmente se deve a duas causas distintas. Primeiro, que sua bem adestrada mente o dota de uma memória retentiva e de uma clareza e agilidade mental extraordinárias. Segundo, porque o Ocultismo mesmo recebe muita luz dos mais inesperados domínios, e é necessário então possuir amplos conhecimentos para a sua plena apreensão e compreensão.

Os poderes físicos do Ocultista bem preparado são notáveis; mais que ninguém êle está em condições de exercer uma influência direta sôbre muitas faculdades corporais que geralmente estão fora do alcance da vontade. Costuma ser também muito sensível à influência das drogas em geral, e portanto, só deve tomar doses menores, e todos os anódinos que amortecem a consciência e a sensibilidade, tais como os bromoretos, devem ser empregados com muita cautela. Por outro lado, geralmente toma um anestésico excepcionalmente bem, por já não ter mêdo de estar habituado a entrar e sair

de seu corpo. Seu domínio sôbre as sensações reduz o choque cirúrgico à sua mínima expressão, e graças a ter acesso às fontes de energia, seus poderes recuperativos são muito grandes.

O Adepto inspira geralmente, entre seus associados imediatos, especialmente em seus discípulos, a maior devoção e afeto; porém, em raríssimas ocasiões em que se vê obrigado a sair e pôr-se em contato com o mundo exterior, o julgam frio, remoto e retraído. Esta espécie de isolamento é muito característico de todo ocultista. Sua atitude para com a vida é tão diferente da dos outros; suas maneiras de pensar tão estranhas das dos demais, que tôda relação social se torna difícil, e assim se vê obrigado a refugiar-se no silêncio e reserva para evitar más interpretações.

Muitas pessoas se afastam do Ocultista, porque o amor não parece ser sua característica mais saliente. A diferença entre sua atitude e a do filantropo ou pessoa afetuosa, pode ser comparada à que existe entre a pessoa que tem um cãozinho porque lhe agrada tê-lo e a aquela que o cria para melhorar a espécie. Esta última se dispõe ao trabalho de melhorar a espécie até seu mais alto grau de perfeição, e às vêzes pode parecer cruel com o animal.

As mínimas exigências nos graus elevados são muito grandes, e poucos são os que podem cumpri-las. Esses poucos são aquêles que a tradição considera como homens. No entanto, não são super-homens, embora se trate de seres que alcançaram a maior elevação que no veículo humano se é capaz de alcançar. E semelhante posição em qualquer domínio da vida só se obtém como recompensa aos mais árduos trabalhos e labores que sempre deixam sua marca no Adepto. Esta viagem, demasiado acelerada em comparação com a do resto da humanidade, provoca seu ressentimento. Mas, para as almas que gozam com a grande Aventura, Ele é o companheiro mais querido e o amigo mais amado.

A VIDA DIÁRIA NA SENDA

AS REGRAS da Senda não constituem um código escrito que exija uma conformidade exterior, mas sim, a dedicação a um ideal que implique uma autodisciplina com o objetivo de se poder alcançar êsse ideal. Os que seguem a Senda, seja vivendo numa comunidade ou seguindo os ideais de uma comunidade no mundo exterior, vão aprendendo certos princípios espirituais que governam tôdas as coisas, como leis cósmicas básicas.

Não se têm formulado regras de nenhuma espécie concernentes à aplicação dêstes princípios às coisas da vida; cada estudante as aplica a suas próprias condições, circunstâncias e problemas, da melhor maneira. Não se dão conselhos a menos que sejam pedidos, porque, enquanto o indivíduo não sente de fato a necessidade, êle não aceita um guia. É de muitíssimo maior valor a alma aprender que tem de fazer o que deva em verdade e justiça. Se se obedece à Lei Cósmica, obtêm-se resultados; se se ignora a Lei Universal, então se produzem conseqüências inevitáveis a tôda violação da lei natural.

O crescimento da alma vai se produzindo através de numerosas encarnações, e em cada uma das etapas dêsse desenvolvimento há de haver diferentes objetivos. Eis poque não se pode estabelecer nenhum objetivo geral para todos. Ensina-se um princípio, apresenta-se um ideal, e cada estudante é aconselhado a aplicar êsse princípio e a seguir êsse ideal nas

circunstâncias em que se encontre, porque só quando é fiel e leal nas coisas pequenas é que se lhe podem confiar as grandes.

O princípio é o mesmo, seja que se aplique num rancho ou num palácio; e se êsse princípio fôr aplicado fielmente num rancho, então poderá ser aplicado facilmente num palácio. A pessoa que faz um barro em pequena escala, não tem nenhuma possibilidade de êxito, se lhe são confiados trabalhos em grande escala.

O primeiro princípio a ser aprendido é o que concerne às leis cóscimas e sua inviolabilidade. O estudante tem que aceitar o conceito de que a lei é absoluta: que nada é fortuito, accidental ou incidental. Tudo o que acontece resulta de uma causa, e tudo o que vai acontecer é igualmente o resultado de uma causa. Estando absolutamente consciente desta lei, o iniciado nunca murmura nem se queixa, e sim, aceita tranquilamente e sem ressentimento tudo o que lhe possa acontecer, sabendo que nada lhe pode ocorrer se não tiver que acontecer. Ao reconhecer a justiça do Carma, aceita suas reações sem murmurar. Por sua aceitação das coisas, serena e prazerosamente, sempre se conhece o iniciado. Sua única preocupação é a de manter-se sintonizado com a Harmonia Cósmica, e quer baixe a cabeça para estudar sua lição ou a levante para cantar e regozijar-se, seu rosto jamais perde a serenidade.

Uma vez compreendido que a reencarnação é um fato da experiência, então tôda atitude para com os problemas humanos difere profundamente da que se tem quando se crê que todos os problemas começam e terminam na mesma vida atual. O iniciado pode aceitar tudo o que lhe acontece, com uma calma que surpreende os demais, cujo impulso é o de renegarem ou orarem, segundo seja sua natureza. Mas sua aceitação não implica necessariamente a passividade.

Aceitar o próprio destino sem murmurar não quer dizer que não se façam os esforços necessários para melhorá-lo. Conhecendo o poder do pensamento concentrado, o iniciado faz uso dêle em todos os problemas da vida. Seu método não consiste em dirigir um ataque direto, *querendo* que se crie o caminho necessário na situação ou acontecimento desagradável, senão que dirige sua energia para produzir certas mu-

danças em sua própria consciência, porque sabe que é o seu próprio temperamento o verdadeiro instrumento do Carma. O Carma só pode ser afetado mediante os fatores que existem em sua própria natureza e que são os que reagem. Sabe que certas condições e acontecimentos lhe são apresentados para provocar determinadas reações em sua natureza, e de acôrdo com a maneira como maneje estas reações, assim será seu Carma, ainda na vida presente. Uma vez que tenha conseguido harmonizar estas reações, terá liquidado seu Carma.

Sabe, portanto, que, embora não possa determinar as condições sob as quais deva viver sua vida, pode, todavia, determinar suas reações para com elas; e de acôrdo com essas reações, será o carma que determinará as condições de sua próxima vida. O iniciado toma sempre como unidade de cálculo, não uma vida e sim, três, porque sempre são necessárias umas três vidas para que uma fôrça cármica fique liquidada. Dentro dessa unidade de três vidas, temos o livre arbítrio. Podemos determinar exatamente as condições da terceira vida a partir desta.

Este é o fato que o iniciado mantém constantemente em mente, em tôdas as suas atividades. É esta realização que lhe permite levantar a cabeça por cima do mar das vicissitudes, contemplando-as do ponto de vista da Lei Cósmica e dos Princípios Espirituais. Conquanto não possa ordenar as condições em que se despertará do sono do nascimento, é, no entanto, o senhor de seu próprio destino, porque pode manipular essas condições de tal forma que o levem aonde êle quer ir, da mesma maneira como um barco pode navegar contra o vento; e quanto piores forem essas condições e mais forte o vento, tanto mais rapidamente viajará.

O iniciado está sempre reavaliando as coisas de acôrdo com os princípios cósmicos. Sabe que sua verdadeira vida é a vida em seu Eu Superior (a unidade de Evolução); que esta personalidade humana não é mais que uma fase de sua vida, e que sua existência real jamais está imediatamente implicada nela. Das experiências que obtém nessa fase pessoal, extrai o alimento com o qual vai crescendo o seu Eu real, através de vastos *Eons* de tempo evolucionário. Para êle, a única coisa importante é o seu Eu real, e não a série de persona-

lidades transitórias, motivo por que em suas perspectivas mundanas se atreve a cometer riscos que nenhum homem comum se atreveria a afrontar.

Por conseguinte, embora não se preocupe em abandonar as coisas do mundo, sua vida inteira tem um significado, uma riqueza e uma liberdade que faltam ao homem que não se atreve a aventurar-se por medo de perder tudo. O iniciado vive gloriosamente porque vive sempre perigosamente. Não obstante, seus riscos são mais aparentes do que reais, como o eram os riscos do Colombo, cujo êxito dependia de uma hipótese matemática. Sua segurança e sua salvação dependiam da veracidade do teorema de que a Terra era redonda. Se, como acreditava a maior parte das pessoas, fôsse plana, e ao chegar ao seu bordo se encontrasse o precipício do espaço, nunca mais teria Colombo voltado de sua grande aventura de partir para o Oeste com o objetivo de alcançar o Leste.

Assim acontece com o iniciado: atreve-se a confiar seu destino a um teorema esotérico. Se, como crê o homem comum, está equivocado, terá arruinado a sua vida; mas, se como crê o iniciado, está certo, então terá encontrado as Índias.

Qual é o testemunho da experiência neste ponto? Quantos são os que, tendo servido a Mammon em seu corpo de carne tôda a vida, se desdizem em seu leito de morte? Quando chega a hora da morte, então se dá conta de que jamais viveram. Contudo, o iniciado vai para o Rei do Terror como se acudisse à sua própria coroação, porque a morte não é o fim do mundo, e sim, a *passagem do Noroeste*.

SEGUNDA PARTE

TEORIA

PLANO BÁSICO DO ILUMINISMO — I

QUANDO consideramos um tema tão vasto e cheio de ramificações como as Ciências Supranormais, é necessário fazer alguma classificação esquemática, porque elas compreendem desde o mero psiquismo até a magia cerimonial, e desde a União Divina do místico até os pactos com entidades não humanas, que podem ou não ser diabólicas.

Nossa primeira tarefa deve ser a de delimitar e diferenciar nosso terreno do dos que tocam puramente à Ciência Natural e o mundo ordinário de todos os dias. Este trabalho não é nada fácil, porque não se pode traçar uma linha divisória exata e precisa. Quem poderia dizer quando a sagacidade se converte em intuição e a intuição em visão?

Nem sequer podemos deixar satisfatoriamente à Ciência Natural o Mundo Físico e as observações que podem ser feitas por meio dos cinco sentidos, porque o Invisível, que constitui o objetivo da Ciência Esotérica, interpenetra o Mundo Material tão intimamente como a água interpenetra os diferentes estratos da terra.

O mais precisamente que se possa dizer sobre esta questão, é que a Ciência Oculta começa onde terminam as Ciências Naturais. Isto poderá ser uma definição prática e útil; porém, desgraçadamente, embora clara, não é fixa, porque esse limite se assemelha mais à linha de demarcação entre a terra e o mar durante a maré vazante.

A Ciência Esotérica deve distinguir-se das Ciências Naturais mais por seus métodos do que por seus temas. A primeira começa nos princípios do Plano Espiritual e opera em forma descendente, através da mente até chegar à matéria, enquanto que as Ciências Naturais começam pela observação dos fenômenos do Mundo Físico, e se têm à sua disposição inúmeros *Eons* de tempo que a Ciência Esotérica tem tido para alcançar seu desenvolvimento atual, poderiam eventualmente operar de baixo para cima através da mente, chegando finalmente ao Espírito.

As Ciências Naturais começam com dados, e dêles deduzem os princípios que os explicam. A Ciência Esotérica começa com princípios, e busca os fenômenos que devem produzir-se. As primeiras estão penosamente trabalhando para elaborar a correlação de unidades até obter um todo orgânico; a segunda explora laboriosamente também as ramificações dos princípios primários. Naquelas a experiência precede os conhecimentos; nesta, o conhecimento deve preceder a experiência.

Porém, ainda que seja impossível indicar num mapa a linha exata de demarcação entre a terra e o mar, no entanto, qualquer que se encontre na praia não terá dificuldade nenhuma em vê-la. E da mesma maneira, embora a linha exata de demarcação entre a Ciência Exotérica e a Esotérica seja uma tarefa ingrata, é, não obstante, possível indicar com uma palavra aquilo que os estudantes reconhecerão como o objetivo de seus trabalhos.

Qual será esta palavra? Deve ser uma palavra cujo significado indique o tema de que tratamos, porém que não tenha sido apropriada para descobrir só o aspecto parcial dêsse tema. A palavra Ocultismo não serve, porque exclui o místico; o Misticismo também não, porque exclui o ocultista. Também espiritualidade não é um termo adequado, porque se refere a um aspecto particular dêstes estudos e não se lhe pode dar maior amplitude sem provocar confusões.

Nosso tema se encontra em situação difícil no que respeita à nomenclatura. Oprimido de um lado por uma terminologia sânscrita que perdeu o seu significado original pelo emprêgo moderno que dela tem sido feito, e por outro lado

pela esdrúxula gíria derivada parcialmente dos Mistérios da Grécia, do Cabalismo de Israel e da Alquimia Medieval, que empregava um latim bastardo para ocultar seus pensamentos, tudo se encontra num estado de confusão lamentável.

Restam outras duas fontes de iluminação, que podem dar muita luz sôbre o nosso idioma: a volumosa literatura do Misticismo Cristão e a igualmente prolífera escola de Psicologia. A elas talvez pudéssemos acrescentar a física moderna, cujas descobertas vão confirmando de maneira crescente o que antes era um segrêdo da Cosmogonia Oculta.

Cada uma destas escolas de pensamento tem sua terminologia própria e seu próprio sistema de classificação, sendo necessário fazer um grande esforço no próximo futuro para correlacioná-las tôdas entre si, a fim de que a Ciência Esotérica tome posse do que lhe é próprio.

No limitado espaço destas páginas não podemos fazer semelhante tentativa; e, realmente, tratar-se-ia de uma obra que requereria a cooperação de vários especialistas, mais do que o conhecimento generalizado de uma só mentalidade. Poderíamos fazer uma tentativa de limpar o terreno, assinalando as subdivisões em que a Ciência Superfísica pode cair. Mas nenhuma destas subdivisões é nítida e marcada, porque para a prossecução delas é indispensável um conhecimento geral de várias outras, e embora a especialização seja tão necessária nesta emprêsa como em qualquer outra profissão em que se tenha que alcançar um alto grau de perícia, no entanto, esta especialização tem que incluir um amplo conhecimento geral de tôda a matéria de que se trate, de maneira que o trabalho de outros especialistas possa ser apreciado e utilizado conforme o requeira a ocasião.

Desde o momento em que abandonamos a palavra Ocul-tismo como título genérico para nossos estudos, temos que buscar a maneira de substituí-la por outra. Não temos muito tempo que escolher, porque a palavra que escolhermos, conforme já vimos, deve induzir uma imagem mental adequada ao profano que busque seu significado num dicionário, e, além disso, não deve ter sido usada por alguma escola especializada.

Em essência, todo o assunto que estamos considerando consiste na extensão e expansão da consciência a planos de experiência, que não se encontram sob o campo de observação dos sentidos físicos, e de toda essa experiência advém a gama da experiência supranormal. Talvez pudéssemos acertar, para dar nome a todo o conjunto, empregando o termo *Iluminismo*, subdividindo-o primeiramente em dois ramos: *Misticismo* e *Ocultismo*. Nestas duas divisões primárias cabem todos os movimentos transcendentais, pois suas afinidades os inclinam para uma ou outra.

Definamos claramente o que queremos indicar com estas palavras.

O *Misticismo* trata de alcançar, pelo caminho mais rápido possível, a União Divina da Alma com sua Fonte Original. Com o fim de alcançar este objetivo, elimina tudo quanto seja causa de separatividade. Uma doutrina fundamental em todas as escolas místicas é a da Irrealidade. Onde quer que encontremos uma escola de pensamento que estabeleça uma distinção frisante entre o Irreal e o Real, e cuide de eliminar o primeiro da consciência, para possuir o segundo, podemos classificá-lo com certeza como um sistema essencialmente místico.

O *Ocultismo*, por seu lado, aceita os fenômenos atuais mesmo que não sejam reais, entendendo a palavra "real" no sentido técnico que lhe deram os místicos, isto é, eterno e existente em si mesmo. O objetivo do *Ocultismo* é organizar e dominar os fenômenos e pô-los em harmonia com a lei eterna do Real.

O místico rejeita o Universo fenomenal e trata de escapar dele em busca do Real. O ocultista, embora tenha vislumbrado o Real, se detém no mundo dos fenômenos e cuida de sujeitá-lo ao domínio de sua vontade.

Embora o ocultista concorde teoricamente com a proposição do místico, prefere utilizar as palavras *Eterno* e *Temporal*, em vez de *Real* e *Irreal*, porque sustenta que uma coisa pode ser teoricamente irreal, e ao mesmo tempo estar muito em evidência em todos os cálculos práticos que sejam feitos no tempo e no espaço.

A isto contesta o místico que a alma se liberta muito melhor do temporal, acostumando-se a pensar que tudo o mais é irreal, menos o Eterno.

Esta contorvérsia entre o Ocultismo e o Misticismo nos faz recordar a anedota do bispo que, ao visitar a escola dominical, dirigiu-se aos assistentes perguntando-lhes: "Suponho que todos vocês, meninos e meninas, querem ir para o céu?" Ele teve que esperar num silêncio embaraçoso, até que uma pequenina voz mais atrevida rompeu para dizer: "Bom... mas ainda não."

Também poderíamos comparar estas duas escolas de pensamentos rivais com dois colonizadores. Um dêles resolve escapar dos problemas próprios para uma estada numa terra tropical e selvagem. Tomando o primeiro barco, foi para o lugar escolhido, deixando sem resolver todos os problemas que não o afetavam. Ao passo que o outro permaneceu e lutou contra as tribos e as feras, construiu caminhos e fez plantações e as cultivou. Em política, o primeiro é *individualista*, e o segundo, um *imperialista*; em religião, aquêle é *Místico* e êste é *Ocultista*.

Ter-se-ia muito o que dizer a favor e contra os dois pontos de vista; porém, infelizmente, a diferença entre ocultistas e místicos é aparentemente irreconciliável, porque se trata de uma questão de temperamento. Como os cavaleiros da antiga lenda, estão pelejando por um escudo branco ou negro, venda cada um o seu lado e não o do outro.

Argüir com qualquer dêles é perder tempo; mas podemos ver com esta dupla classificação para correlacionar os diferentes movimentos transcendetais e demonstrar os vínculos que uns têm com os outros. Bem sabemos que cada um dêles pretende haver recebido seu ensinamento diretamente de Deus, e de todo coração condena o resto, especialmente se entre êsse resto se encontra alguém que lhe seja semelhante. Mas, o observador imparcial, conhecendo algo sobre as operações da mente humana, pode talvez estabelecer quais foram as fontes de inspiração.

Dizer isto não é diminuir a mensagem que cada fundador de uma escola de pensamento tenha podido trazer à

humanidade. A obra de nenhum homem fica diminuída pelo fato de se mostrarem suas derivações, porque nestes dias tôda obra tem necessariamente que ser derivada da história humana. Cada um de nós está em débito com seus predecessores, e só o egoísta ou o ignorante é capaz de desconhecer isto.

De acôrdo com as clasificações expostas, diríamos que o Budismo e o Cristianismo seguem a Senda Mística, conjuntamente com alguns movimentos secundários, tais como a Ciência Cristã e a multidão de seitas fornecidas pelo Nôvo Pensamento e outras escolas análogas.

Em troca, na Senda Oculta assinalaríamos religiões como o Hinduísmo, o Cabalismo Judaico e mesmo certos movimentos derivados, como a Teosofia, a Alquimia e o Espiritismo.

Esta classificação deve ser aceita apenas como um esforço para acelerar as coisas como exemplos, e não como algo completo. Provavelmente muito poucas das religiões citadas aceitarão sua inclusão em qualquer destas classificações, pois é uma peculiaridade das organizações inspiradas quererem ser consideradas como uma criação especial, se é que tal exista como milagrosa. Mas o observador imparcial e suas obras não podem deixar de considerá-las como outros tantos exemplares na história natural da mente humana. Com efeito, as idéias raízes de todos êstes movimentos não são originais, e podemos remontar até a sua procedência através de vários enunciados que têm sido feitos, desde a antiguidade mais remota, como a demonstrou a Sra. Blavatsky. ⁽¹⁾

Estabelecida nossa divisão primária, vejamos se podemos enunciar uma classificação ulterior que nos permita compreender as diferentes tendências destas Sendas distintas.

No Misticismo, cujo método se baseia mais no sentimento do que no conhecimento, podemos facilmente descobrir duas grandes divisões: os *Místicos Naturais* e os *Místicos Espirituais*. Aos primeiros poderíamos denominar muito adequadamente *Panteístas*, porque êles vêem a manifestação de

(1) Aliás, já disse o Eclesiastes I:9: *Nada há de novo debaixo do Sol*". (N. da T.)

Deus na Natureza e buscam a união com Deus volvendo à Natureza. A êste grupo pertenciam os antigos que buscavam sua identificação mediante rituais, liturgias e invocações das fôrças da Natureza. E entre os modernos podemos incluir pensadores tais como Walt Whitman e Algernon Blackwood. Os Panteístas podemos dividir, por sua vez, entre os que pertencem às Escolas da *Beleza* ou do *Poder*.

A Escola da Beleza, da qual Walt Whitman é um exemplo, põe-se em contato com a Natureza por amor à sua beleza e nunca emprega ritual. A Escola do Poder cujos pontos de vista se encontram muito bem expressos nas obras de Algernon Blackwood, trata de participar das fôrças naturais e, invariavelmente, utilizam alguma forma de ritual — empregando esta palavra num sentido mais amplo, como ações simbólicas — para conseguir seus fins.

A Escola Religiosa do Misticismo busca seu Deus fora da Natureza e deseja conhecê-Lo diretamente, de primeira mão, por assim dizer, e desdenha tôda outra expressão secundária como idolatria. Esta escola pode também ser subdividida na Senda do Serviço e Senda da Contemplação.

O Exército de Salvação se encontra na Senda do Serviço, e a Ordem dos Carmelitas na Senda da Contemplação.

O movimento denominado Ciência Cristã, ao qual já nos referimos em relação ao Misticismo, é muito difícil de ser classificado à primeira vista, porque realiza o serviço mediante a contemplação, e além disto possui muito de práticas ocultas e até de princípios ocultos. No entanto, podemos colocá-lo diretamente na Senda do Serviço, porque é essencialmente um caminho de redenção por meio das obras.

PLANO BÁSICO DO ILUMINISMO – II

O QUE DISTINGUE o Ocultismo do Misticismo é que o primeiro não faz nenhuma tentativa para se aproximar direta ou indiretamente de sua meta, porém procura estabelecer um caminho graduado até a União Divina, que reconhece, tal qual o Místico, como sendo a meta final da Evolução.

Trabalhando dêste ponto de vista, não condena nem desdenha as condições materiais nas quais nos encontramos, e sim, aceita-as como parte da disciplina anímica e começa a estudá-las, primeiramente com o objetivo de harmonizar a alma com o seu meio circundante, e em segundo lugar, com o objetivo de exercer certo domínio ou influência modificadora sôbre êsse mesmo meio.

Poder-se-á alegar que o que antecede é um conselho de perfeição, porém que os que os ocultistas buscam é o conhecimento e o poder por si mesmos, e não com motivos superiores ao de poder manejar seu meio em seu próprio benefício, sem tratar de transcendê-lo. E isto é, inegavelmente, certo no tocante a muitos estudantes das Artes Ocultas; porém, uma profissão qualquer não pode ser julgada pelo uso que dela façam os membros indignos e imorais. É melhor considerarmos o que é o Ocultismo nas mãos de seus mais meritórios exponentes.

O objetivo de tôdas as iniciações ocultas bem entendidas é conduzir a mente por um caminho gradativo à compreensão cada vez mais clara e pura da verdade espiritual;

e isto deve ser feito tanto mais rapidamente quanto o permita a consciência. É impossível arrancar o homem comum de seu estado mental ordinário e levá-lo aos mais altos níveis da oração ou da consciência mística; mas já é bastante fazê-lo ou orientá-lo por etapas através de sucessivas interpretações de um sistema simbólico, de modo que alcance a devida compreensão e realização. É isto o que uma iniciação oculta deve cuidar de fazer, e de nada serviria se se detivesse numa etapa intermediária da Senda e declarasse que ali se encontrava o último enunciado da Verdade, porque a Verdade jamais poderá ser enunciada em sua forma final.

Por último, a Senda Oculta termina forçosamente na Meta Mística, não tem fim por si mesma; mas, como o caminho místico é muito empinado e direto, o do Ocultismo é um tanto tortuoso, por contraste, porém está graduado e a ascensão é mais suave. Também seria muito duvidoso decidir se, no estado atual da Evolução, seria possível e justificável abandonar por completo a humanidade em seus próprios problemas e caminhar diretamente até o Cume da Visão. Depois de tudo, o ocultista permanece em contato com as colinas mais baixas, subindo e descendo pela Escada de Jacó do psiquismo e emprestando sua companhia aos demais irmãos da jornada.

Uma vez dito e feito tudo, porém, a escolha da Senda Mística ou Oculta depende do temperamento individual. Como bem diz um antigo ditado: são necessárias pessoas de tôdas as classes para fazer um mundo, e sem dúvida alguma, um mundo que se compusesse exclusivamente de um só tipo, não daria nenhum resultado. Portanto, não podemos contribuir para a antiga disputa entre ocultistas e místicos, a não ser com a mera sugestão de que ambos têm seu lugar assinalado no Plano de Deus.

Dissemos tudo isto com a esperança de justificar o ocultista em sua negativa de abandonar suas veredas para seguir imediatamente o Caminho Místico, e de mostrar que esta negativa não é consequência de perversidade alguma de sua parte, senão que, pelo contrário, tendo visto o superior, deliberadamente o abandona pelo inferior. E este sacrifício pode ser o resultado de uma necessidade natural, pelo que faremos uma análise mais detalhada do próprio Ocultismo.

O ocultismo pode ser classificado em três divisões primárias:

1 — Sintonização com a Lei Cósmica mediante a compreensão devida.

2 — Ajuste das discordâncias por meio do emprêgo devido dos poderes proporcionados pelo conhecimento.

3 — Purificação da alma mediante as boas obras em todos os planos.

Estas três coisas pertencem indiscutivelmente ao Universo Fenomenal. Não há nelas nada intrinsecamente espiritual, embora constituam os três primeiros degraus que conduzem à escada que leva diretamente às alturas espirituais. Poderia perguntar-se se os que numa dada encarnação experimenta a senda direta do misticismo, não passaram por essas três etapas numa encarnação anterior.

Por "compreensão devida" se entendem os diversos aspectos de estudos esotéricos, que formam parte da teórica do Ocultismo. Sem esta base na teoria e filosofia desta matéria, toda tentativa de aplicação prática seria um verdadeiro jôgo de azar.

No que toca à parte teórica, o estudo principal deve ser o da Cosmogonia. A menos que a alma compreenda adequadamente a esfera em que evoluciona, não pode absolutamente iniciar a marcha na Grande Obra. Este estudo deve dividir-se imediatamente em duas classificações ulteriores: o estudo do Noumenal e o estudo do Fenomenal, ou em outras palavras, o Cosmos e o Universo. Não podemos ir além no concernente a estas classificações, neste livro, porém os que estão familiarizados com os aspectos mais profundos desta matéria compreenderão todo seu significado.

Este estudo apresenta dois aspectos: o descritivo e o classificatório, assim como o traçado do curso da Evolução. Em outras palavras, temos que enfrentar o estudo de seus aspectos estáticos e dinâmicos; temos que ter uma clara visão da manifestação até onde chegou a Evolução atualmente, e devemos igualmente ter a visão de um panorama do curso seguido no passado e que prosseguirá no futuro até chegar à sua fase final.

Também nos é indispensável termos uma compreensão clara e detalhada da natureza do ser humano, tendo presente que o ocultista não costuma fazer distinção entre a alma e o corpo, considerando-os demasiado interpenetrados mutuamente para que essa distinção seja possível. Portanto, êle estuda ambos sob o título genérico de psicologia esotérica. Este estudo se divide em seguida em dois ramos: o dos estados normais da consciência e o dos estados patológicos, bem como os seus resultados naturais, que são os estados psíquicos e a terapêutica psico-estética.

De todos êstes estudos teóricos vão surgindo naturalmente as aplicações práticas, e do estudo da Cosmogonia Oculta surgem também dois aspectos muito importantes das Artes Ocultas: o Sistema de Correspondência e a Magia Ritual.

Esta forma de estudos, conhecida como o Sistema de Correspondências, tem sido objeto de muitíssimos abusos e mal-entendidos, como acontece com tôdas as coisas ocultas. Foi confundido com a Doutrina das Assinaturas, que é profundamente confusa. A Doutrina das Assinaturas declara que há analogia entre diferentes coisas desde que tenham alguma semelhança superficial. Por exemplo, as infusões de plantas cujas fôlhas tenham a forma de rins, devem ser consideradas boas para êstes órgãos. O Sistema de Correspondências, bem compreendido, difere muito de tudo isto. Está baseado na doutrina de que o visível não é nada mais do que a sombra do invisível, e então cuida de descobrir o que é que está projetando uma sombra específica. Em outras palavras, a Ciência Esotérica sustenta que a matéria se levanta sôbre uma armação espiritual; que é o espírito o que dá origem à matéria e não a matéria ao espírito, e com base nesta hipótese, procura descobrir que fator espiritual originou o objeto material em particular que se tenha em observação. Em outras palavras, procura descobrir as relações que, *ex-hipothesi*, existe entre o visível e o invisível.

Além disso, sustenta que a raiz de muitas manifestações materiais pode encontrar-se num único princípio espiritual, e que, por conseguinte, elas devem estar correlacionadas entre si. Finalmente, a Doutrina das Correspondências, en-

tendida filosoficamente, implica que devem existir estados mentais e astrais dêste princípio espiritual em sua descida para a matéria, assim como congêneres mentais e astrais de suas manifestações, e que sêtes últimos atuam e reatuam entre si, influenciando profundamente as condições materiais às quais estão vinculadas.

Um Sistema de Correspondência consiste, portanto, no conhecimento das afinidades astrais, mentais e espirituais de qualquer objeto que se encontre no Mundo Material. De semelhante conhecimento se obtêm imediatamente resultados práticos, porque se podem discernir as relações e reações dos planos sutis do sistema, e então também se compreenderão as relações e reações existentes entre suas contrapartes físicas.

O estudo das correspondências constitui, portanto, a base da adivinhação. Em realidade, a adivinhação não é mais que diagnóstico e prognóstico cósmicos; nela nada existe de milagroso, como não existe a profecia de morte rápida por extenuação, depois de haver-se utilizado o estetoscópio. Os dados utilizados, de que antes careciam os sentidos corporais, e as deduções tiradas daqueles, são os que permitem obter conclusões, já baseadas na luz da experiência.

Por exemplo, os prognósticos — ou conjecturas — da Astrologia se baseiam nas correspondências conhecidas entre os planetas (cada um dos quais está associado com o desenvolvimento de certas fases da Evolução) e os aspectos do organismo humano que estão em correspondência com essas fases. Igualmente, o sistema adivinatório dos Tarots baseia-se nas correspondências deliberadamente desenhadas nas cartas do Tarot, com os vários fatores e forças psíquicas e cósmicas.

O homem, porém, não se contenta meramente com compreender e prever; também deseja pôr em prática extensos conhecimentos, e com êste fim, têm sido elaborados inúmeros métodos com os quais, utilizando o Sistema de Correspondências, se pode fazer atuar certas influências sobre os fatores causadores da cadeia de manifestações. Todo ritual, assim como todo simbolismo, objetiva produzir um jôgo artificial de correspondências com o fator espiritual-astral que deva operar, e aplicando a êstes símbolos o poder da von-

tade fortalecida, pode-se atuar sobre seus aspectos mais sutis, modificando assim sua ação causativa.

Ademais, a Magia se divide em Branca e Negra, apesar das cediças negações de que possa existir alguma magia boa. A Magia Branca trata de reforçar e concentrar os processos da Evolução e da redenção, enquanto que a Magia Negra procura empregar os mesmos poderes para manipular as causas com fins egoístas e sem se preocupar com a Lei Cósmica. A diferença entre ambas é a mesma que existe entre a arte da medicina e a arte dos fabricantes de bebidas alcoólicas e outros tóxicos. A magia ritual pode ser definida como a ciência da terapêutica nos planos sutis. É verdade que o emprêgo da terapêutica sem a higiene não é saudável, e a higiene nos planos sutis é a Ética. Daí o êrro de muitos ocutlistas ao aplicarem a poderosa ação da magia sem utilizar simultâneamente as medidas higiênicas que implicam na mais estrita ética.

No entanto, se se empregar devidamente o potentíssimo medicamento que constitui a magia, pode-se fazer pelo indivíduo e pela sociedade aquilo que nada poderia executar tão rápida e efetivamente, porque pode romper o círculo vicioso da infecção psíquica, que se não fôsse por ela, teria que ficar à mercê do lento processo do tempo. A diferença existente entre a magia e a meditação é a mesma que pode existir entre as drogas e a dieta: as medicinas podem conseguir rapidamente o que a dieta só conseguiria muito lentamente, e nos casos agudos, não é possível esperar os lentos resultados da dieta, e temos de lançar mão dos medicamentos ou nada. No entanto, as medicinas não podem substituir o regime dietético curador, e embora a magia consiga resultados rápidos e potentes, somente por meio de justa e certa compreensão e da mais estrita moral é que pode manter a posição conquistada.

A Magia Negra difere da Branca não tanto pelos métodos que emprega como da fonte donde extrai seus poderes. A Magia Branca cuida sempre de ascender e extrair seu poder das esferas superiores, enquanto que a Magia Negra retrograda até certas fases da Evolução já superadas e volta a pôr em liberdade energias que já tinham sido equilibradas

e deixadas em forma estática. É como se se pusesse novamente em liberdade o álcali e o ácido cáustico que já entraram a formar uma base neutra. No Ocultismo Negro sempre se produz a destruição de uma forma orgânica em tipos de energias inferiores, e os elementos empregados com êste propósito são o sexo e o sangue. Naturalmente, não é desejável entrar nesta obra em detalhes dêstes sistemas.

Além disso, da utilização destas duas fontes de energias sutis o mago negro faz uso das evocações de espíritos com os quais pode fazer algum pacto. Êstes espíritos podem ser as inocentes fôrças naturais dos elementos, ou sejam, os espíritos da Natureza, que êle pode utilizar com fins mais ou menos tolos ou malignos; podem ser também essas malignas imagens que há no coração do ser humano, os espíritos malvados da Esfera Terrestre, ou podem proceder do excessó de fôrças não equilibradas que emanaram durante os primitivos processos da Evolução e que constituíram a matéria-prima para essas formas de existência que os cabalistas conhecem como "*Cliphoth*".

Além disso, o mago negro se vale do poder de certas drogas para produzir a clarividência, porém não desejamos tratar dêste assunto aqui, pois já o fizemos em outra obra: *Ocultismo São*.

PLANO BÁSICO DO ILUMINISMO – III

COMO resultado de seu adestramento, o Iniciado deve ter desenvolvido certos poderes definidos e se não os desenvolve, há de reconhecer que sua preparação fracassou em seu propósito. Realmente estas escolas de ocultismo nos impacientam, pois declaram que são puramente éticas e especulativas, e que qualquer tentativa que se faça para aplicar praticamente seus ensinamentos é mau e perigoso. Não é sem razão supor-se que não podem transmitir certos segredos aquêles que não os possuem.

Consideremos o que o estudante tem direito a esperar como resultado de sua preparação, sempre que tenha feito o que se lhe exigiu.

Os resultados práticos do estudo da Ciência Oculta podem ser divididos em duas classes: a arte da clarividência: a visão; e a arte do mago: o poder. O ocultista devidamente adestrado deve poder ver e agir ao mesmo tempo nos Mundos Invisíveis.

A clarividência do perfeito Adepto abrange muito mais do que simples percepção psíquica dos aspectos sutis de seu ambiente imediato. Inclui o poder de estender sua consciência no tempo e no espaço; de retornar pelo curso do tempo e voltar a viver novamente cenas e episódios já passados, bem como o de projetar sua consciência aos lugares mais longínquos no presente e perceber claramente o que esteja acontecendo ali, e se fôr necessário, poder materializar uma

forma etérica de suficiente densidade para ser percebida, embora por aquêles que não sejam naturalmente psíquicos. Na literatura das investigações psíquicas existem inumeráveis casos dêstes fantasmas dos vivos. O Adepto tem que compreender perfeitamente a arte de produzir êste fantasma, ou forma astro-etérica, e poder fazê-lo à vontade.

Do poder do vidente de perceber o Invisível, sobrevém, naturalmente, a possibilidade de ter certa camaradagem e cooperação com os moradores dêsses Mundos Invisíveis. Estas associações podem ser de duas classes. O clarividente pode meramente encontrar-se, de passagem, com os habitantes do Mundo Astral, o plano de *Maya* ou ilusão, ou pôr-se em contato com Sêres de um tipo muitíssimo mais elevado e de maior potência.

Uma das principais vantagens de ser iniciado numa das fraternidades que tenham uma longa linha de tradição atrás de si, é o fato de que muitas serão as almas que terão alcançado sua libertação, mercê de sua disciplina, e que se encontrarão trabalhando nos Mundos Internos, de maneira que os recém-iniciados podem pôr-se em contato com êles imediatamente. Encontram-se, portanto, numa posição muito diferente da do psíquico que se aventura no Mundo Astral mercê apenas de seu psiquismo sem ajuda. Êste último seria como uma pessoa que viesse viver numa grande cidade, sem trazer nenhuma carta de apresentação para alguém; passará muito tempo sem ter amizades valiosas, e aquêles com os quais se encontre momentâneamente, não serão naturalmente os melhores.

Para o ocultista, é da maior importância o que êle pode chamar seus contatos. Êstes contatos não se parecem com os "guias" dos espiritistas, embora a idéia possa ter algo de semelhança. Os contatos não se fazem com os indivíduos, e sim, com ordens ou fraternidades. Por exemplo, pode-se estabelecer um contato com as Escolas Druídicas de Iniciação que existiram nas Ilhas Britânicas nos tempos pré-históricos, e com uma das Escolas Mágicas nas montanhas do Jura nos tempos medievais. E o iniciado que estabeleça êstes contatos, não somente estará em relação com as almas daqueles que foram membros dessas escolas, senão igualmente com

as forças que Êles tenha concentrado por meio de seus rituais.

Talvez um exemplo esclareça mais o assunto. Um católico não roga aos santos por Êles mesmos, e sim, para que, mediante sua intervenção, possa pôr-se em contato com os poderes que se encontram atrás da Igreja Cristã, isto é, com o Cristo, e, por Seu intermédio, com Deus, o Pai. Os mesmos princípios são aplicados a todos os demais contatos ocultos, embora não tendam a tão elevadas fontes.

Os contatos utilizados pelo iniciado são de duas classes: com os Irmãos Maiores e com sêres de outras evoluções. Os Irmãos Maiores são Aquêles que estão livres da Roda de Nascimentos e Mortes e continuam sua evolução nos Mundos Internos, não tendo mais nada que aprender do Mundo Material. É a Êles que geralmente se dá o nome de Mestres, embora existam muitíssimos tipos diferentes e graus distintos entre Êles, desde a Alma recém-liberta do corpo e que empreende sua tarefa como auxiliar invisível, até o Logos Planetário ou Cristo dos Raios, porque algumas das Lojas Planetárias estão atualmente dirigidas pelos Senhores da Humanidade.

Os sêres de outras evoluções não devem ser considerados como demônios ou espíritos malignos, embora a Igreja tenha tratado de dar esta impressão à humanidade. São espíritos cheios de aspirações, tal qual nós, porém que têm outra forma de vida. Poderíamos comparar as diferentes evoluções que se desenvolvem no nosso Sistema Solar aos diferentes programas irradiados pelo éter. Todos os programas utilizam o éter simultaneamente, porém nós só obtemos aquêle com o qual temos sintonizado nosso receptor. Se por qualquer causa interferem trechos de outros programas, isto nos aborrece muito e dizemos que houve interferências.

O mesmo acontece com nossos contatos com outras evoluções diferentes da nossa. A recepção acidental por nossa consciência de sas vibrações, constitui uma interferência psíquica, mas o Adepto pode perfeitamente alterar a temperatura de seu receptor mental e "captar" assim o Reino Dévico ou Angélico.

O segundo aspecto da obra do iniciado se refere ao trabalho do mago, ou seja, o Poder. Às vezes é chamado o aspecto cerimonial, porque são empregadas certas fórmulas para realizar seus fins. Estas fórmulas são empregadas da mesma forma que o artista emprega suas ferramentas para melhorar e reforçar sua habilidade manual. Todos os trabalhos de magia poderiam ser realizados teoricamente pelo simples poder da mente, sem o emprêgo de nenhum ritual, porém, na prática, isso equivaleria ao artista talhar uma estátua com suas mãos nuas. O ser humano é um animal que usa ferramentas, mesmo no Mundo Astral.

A Magia pode ser definida como o uso de alguma forma cerimonial, que vai desde o simples mantram ou encanto até os mais bem trabalhados rituais dos que são vívidos exemplos o Cerimonial da Missa e os empregados na Franco-maçonaria. Estes são dois tipos representativos da magia, embora seus expoentes digam o contrário. A Missa é um exemplo perfeito do ritual da Evocação, e as cerimônias maçônicas, se são o que devem ser, constituem um ritual de iniciação, como se pode ver nas obras de W. L. Wulmshurst, especialmente *Maçonic Initiation*.

Tôda a idéia da magia ritual consiste em pôr-se em contacto com um Ser nos Mundos Internos, que ajudará a operação que se efetua mediante a concentração de alguma força cósmica de uma classe particular. Se tal ser é maligno, então a Missa será uma Missa Negra, ou a iniciação será de uma Loja Negra, e o resultado será um reforçamento do aspecto correspondente na natureza dos participantes. Se o Ser que se invoca é bom, o resultado será uma intensificação de Suas virtudes especiais nas almas daqueles que participam da cerimônia em que se comemora Sua Vida e Sua Morte.

As palavras de Poder nos rituais são os nomes dos Sêres que os participantes consideram como o canal ou condutor do poder com o qual tratam de pôr-se em contato. Além das palavras, empregam-se também sinais e movimentos simbólicos, tendo todos o objetivo de comemorar os incidentes mais impressionantes ou típicos da Vida do Mestre. Estes sinais logo se cristalizam em símbolos que represen-

tam a crise dessa vida. Por exemplo, na Missa temos sempre a invocação do nome sagrado de Jesus, o Sinal da Cruz, que todo devoto cristão traça sobre sua testa e peito, e a própria Cruz ou Crucifixo, os quais, uma vez consagrados, constituem um verdadeiro talismã. Os mesmos princípios se aplicam em toda a magia cerimonial, salvo quando sejam outros os espíritos invocados em cada caso.

Se estas coisas devem ser feitas, é mera questão de opinião, e os únicos qualificados para dá-la são os que já tiveram experiência prática própria em magia cerimonial em mãos de operadores competentes. A opinião geral parece ser que os poderes assim manejados são de elevadíssima potência e que no caso de ocorrer algum acidente, podem produzir grandes estragos, da mesma maneira que o acidente provocado por um automóvel de grande potência é coisa grave, e são poucos os que são capazes de guiar um auto dessa classe. Contudo, os grandes adiantamentos e conquistas realizadas na tração mecânica e na fabricação de motores, têm se realizado graças às provas de velocidade feitas em Brooklands ou nas areias de Pendine, onde, em meio de condições cuidadosamente escolhidas, alguns homens especialmente adestrados e preparados puderam estabelecer um novo recorde de velocidade.

Com isto não queremos dizer que o auto de corrida de 600 H. P. seáa um veículo adequado para se andar nele pela estrada; porém dizemos que só graças ao emprêgo destes autos de grande potência é que se tem adquirido o conhecimento necessário, que logo pode ser utilizado por todos para o progresso da mecânica em geral.

Assim ocorre com os trabalhos de magia: para o ser humano que busca as coisas espirituais, acontece a mesma coisa que ao auto de corrida para o motorista comum.

E agora chegamos à incômoda questão do transe. Dificilmente se pode pegar um livro que contenha conselhos para aspirantes, sem deparar com admoestações das mais sérias contra a possibilidade de se cair em transe, sem todavia nada explicar em que consiste êsse transe. Uma das dificuldades enfrentadas pela Ciência Psíquica do Ocidente é a grande difusão que se tem feito dos métodos e sistemas orien-

tais de desenvolvimento, que são absolutamente inadequados às condições predominantes no Ocidente. As experiências baseadas no emprêgo desses métodos fora de sua própria esfera não são necessariamente boas para o uso dos métodos tradicionais da Magia Ocidental.

De todos os autores que emitem conselhos tão solenes contra o transe, quantos deles já tiveram experiência própria? Se a tivessem tido, saberiam que existem duas classes de transe: o negativo e o positivo. No transe negativo, a consciência do operador fica em suspenso: fica detida como um centro morto, e é outra a entidade que opera nos terminais nervosos do veículo físico, mediante a sugestão telepática à subconsciência. Não importa que essa entidade esteja ou não encarnada num corpo físico, porque o processo é o mesmo. Este método está certamente sujeito a toda a classe de abusos em mãos de ignorantes e inescrupulosos, e nessas circunstâncias são muito justas todas as coisas que dele se tenham dito. Porém, sempre subsiste o fato de que em mãos puras e cuidadosas é empregado sem maus resultados, como o demonstram nas inumeráveis experiências realizadas nos centros espiritistas. É inútil querer negar uma experiência tão vasta e extensa como a que se encontra na literatura espiritista.

O transe positivo é uma coisa muito diferente e todos os ocultistas o usam extensamente. Cada vez que se empreende uma jornada astral, cada vez que a alma funciona nos mundos internos, o corpo fica sumido num profundo sono psíquico, que é muito diferente do sono comum. Mesmo nos momentos mais rápidos de visão, dos quais os estudantes da Ciência Espiritual têm, tarde ou cedo, alguma experiência, o mundo circundante desaparece da vista e a pessoa se esquece de tudo menos da visão que tem diante de si. Qualquer observador pode constatar que durante estes brevíssimos momentos tanto a respiração como o pulso mudam de ritmo, e o globo ocular fica fixo e os músculos rígidos. Se isto não é transe, o que é?

É comum dizer-se em ocultismo ser isso o resultado da simples tagarelice, e sem uma base na experiência. Costuma-se condenar o transe, e portanto, as pessoas que o

executam, raras vezes têm coragem de admitir que o praticam, de medo de serem incluídas também nessa crítica geral, porém sempre ficam crentes de que é impossível atuar nos Planos Internos sem entrar em transe, porque, quando a consciência se retira do corpo físico, êste fica necessariamente inconsciente.

Experimentar entrar em transe, a não ser em condições adequadas e sob a direção de um guia ou instrutor, é certamente perigoso. Aprender a sair do corpo é algo semelhante a aprender a nadar. Nas primeiras lições do aprendizado da arte de natação, o aspirante a nadador se afunda e afoga, e pode ter experiências muito desagradáveis. Mas o nadador já conhecedor da natação encontra-se seguro, em qualquer condição que uma pessoa razoável se considerasse apta para banhar-se, mas reconhecendo o fato de que a água não é o seu elemento nativo. O mesmo acontece com o ocultista que está aprendendo a atuar nos Mundos Internos: enquanto tiver o corpo físico, não pode considerar que êsse seja o seu elemento nativo, e também tem de estar disposto a reconhecer sinceramente suas limitações. Mas, assim como a pessoa que vai passear num barco deve saber nadar para o caso de que se produza algum acidente, assim, também, todo aquêle que queira transformar-se num ocultista prático deve saber como sair e como voltar por motivos semelhantes. Encontrar-se súbitamente frente a outra forma de existência, sem saber como comportar-se com ela, é uma experiência terrivelmente ingrata, mesmo no caso em que não exista razão alguma para alarmar-se.

Finalmente, para sintetizar, diremos que o ocultista que se decide a empreender qualquer tarefa séria, com o objetivo por êle escolhido, tem que ser um psíquico, tem que poder realizar um transe e deve ter um bom conhecimento prático da magia cerimonial. Dizer outra coisa é afirmar aquilo que não é verdade, porque a Ciência Oculta é muito mais do que um sistema de ética baseado na crença de planos suprafísicos de existência, dos Mestres e da reencarnação.

AS FONTES DO OCULTISMO

ONDE supõem os ocultistas encontrar-se a fonte original da sua ciência? Quais são seus clássicos? Quando se produziu a Idade de Ouro? A maioria das pessoas se surpreende ao saber que os ocultistas tomam a sério as doutrinas científicas dos antigos, preocupando-se com os "humores" e petrechos utilizados na Alquimia. As pessoas ilustradas acrescentam que tôdas estas coisas passaram de moda desde a época da Renascença. "Para que malbaratar seu tempo com tôdas as superstições já obsoletas?", dizem.

O que leva o ocultista a buscar sua inspiração num passado remoto deve-se a que, quanto mais a gente se aproximar da fonte, tanto maior será a corrente. A sabedoria dos iniciados não está formada tanto por um corpo de doutrinas acumuladas por investigações experimentais, em que cada estudante transfere a seus sucessores os resultados de seus estudos; mas é, em grande parte, o produto de uma revelação recebida das próprias fontes primordiais, às quais a humanidade em geral não tem normalmente acesso. Esta revelação, uma vez recebida, vai sendo desenvolvida e aplicada, porém, em sua essência, é uma dádiva feita à humanidade pelos Irmãos Maiores. Em primeiro lugar, é o fruto acumulado de Evoluções anteriores; em segundo lugar, constitui a obra levada a cabo pelos que estão à testa da Evolução; e em terceiro lugar, êsse conhecimento nos é trazido até nós através de planos de existência, os quais a consciência humana não pode alcançar normalmente.

Com todos estes vários elementos se tem constituído o corpo de doutrinas da Ciência Esotérica, a qual tem sido elaborada e adaptada às necessidades das diferentes raças e tempos. Todos os seus princípios fundamentais na Idade atual têm sido recebidos como "dádivas dos deuses", e a humanidade nada mais tem feito do que buscar a maneira de pô-los em prática e descobrir suas aplicações. Para se compreender devidamente esta Sabedoria Tradicional, é preciso que saibamos algo dos meios utilizados para se trazer sabedoria primordial à humanidade.

Para uma força poder manifestar-se nos planos da forma, tem que ser expressa por meio de uma forma; sem isso não pode haver manifestação. O Cristo interno opera quando nos apercebemos, ainda que momentaneamente, o amor perfeito que faz que tôdas as coisas sejam uma Unidade. Todavia, para que a força crística possa operar na mente coletiva ou de uma comunidade, é necessário que se produza uma realização igualmente coletiva da natureza dessa força. É por isso que temos os Cristos dos Raios, e não apenas uma só manifestação de uma força impessoal para o Universo e toda a Evolução.

Cada Raio manifesta sua força numa fase da Evolução, e os aspectos positivo e negativo dos Raios são os Dias e Noites menores de Bramá. A Sabedoria Secreta nos diz que os Raios vão entrando em ação por turno, como se fossem Raios emitidos por uma Única Luz, sendo a precessão dos Equinócios o relógio cósmico que assinala sua aurora e seu poente. Cada Raio desenvolve uma fase da Evolução, e cada Evolução recapitula a obra de suas antecessoras antes de começar a sua própria obra. Com o objetivo de acelerar esta tarefa, certas entidades conhecidas na tradição secreta como os "portadores da semente", trazem os frutos da Evolução precedente. As entidades de cada onda de vida, uma vez que tenha alcançado o seu equilíbrio, estabilizam-se como sistemas coordenados de reação: os Senhores da Chama são os precursores dos Devas dos Elementos; os Senhores da Forma vão desde os Elementais Construtores até as Consciências Geometrizes que "guiavam a Arcturus e seus filhos"; e os Senhores da Mente são as leis da Biologia.

Os porta-germes que chegam no comêço de cada onda de vida, provêm da Evolução imediatamente precedente, porém, como os Raios representam atividades subcíclicas, que não recapitulam, senão que manifestam um aspecto especial, os porta-germes que vão aos Raios provêm da anterior onda de vida que tenha correspondência com a obra que deva ser executada nesta fase particular da evolução sob o dito Raio. Estes porta-germes são conhecidos na tradição como os deuses da cultura, e é de notar-se o fato de que cada uma das antigas raças tem a tradição de um progenitor divino, ou de um imperador-sacerdote, que lhe deu sua cultura.

Este Imperador-Sacerdote, que é uma Alma Perfeita na Evolução anterior, é incomensuravelmente superior às consciências rudimentares que êle vem governar e dirigir, porque, tendo terminado Sua própria Evolução, é um dos do Mundo de Deus, e a intuição, ao reconhecê-lo assim, invariavelmente o tratava como uma Divindade, porque realmente a Divindade se manifestava por seu intermédio. É êste Ser quem implanta na alma coletiva da raça evolucionante as idéias arquetípicas que constituem as faculdades, sendo um processo análogo ao que cada indivíduo realiza ao transmitir os frutos de sua evolução a cada personalidade sucessiva em que vai se manifestando. A civilização assim iniciada vai seguindo seu curso até o nadir de sua evolução material, ou seja, o ponto mais distanciado de Deus, metafòricamente falando. Neste ponto, tem que dar volta e começar a subida sôbre o arco evolutivo, e é aqui onde o Logos Planetário ou Cristo do Raio se manifesta no Mundo Físico.

Antes de seu advento, o Raio é uma emanção da Vida Divina governada pelas leis evolucionadas nas Evoluções precedentes, mas então o Logos Planetário diz: "Uma nova Lei vos dou."

A missão do Logos Planetário ao encarnar-se como ser humano, é dupla. Seu aspecto exotérico é o de viver a vida humana arquetípica (ou seja, a vida de todos os sêres humanos pertencentes a êste raio viverão quando tiverem alcançado a perfeição), imprimindo assim na mente coletiva o ideal ou padrão de vida e de ação. Desta maneira, Êle não é sòmente o "Deus Perfeito", e, sim, a Divindade manifestada e ao mesmo tempo o "Homem Perfeito" ou arqué-

tipo ideal da humanidade para essa fase da Evolução e o que Ele é durante Sua breve manifestação terrestre, deverão ser todos os seres humanos quando "se tornam perfeitos como perfeito é o Pai que está no céu".

Os Cristos dos Raios sempre se manifestam no plano físico durante os subciclos do Raio ao qual correspondem em número e em côr com o próprio Raio. Assim, pois, no quarto subciclo do Raio Verde, na quarta sub-raça raiz da quarta raça raiz, foi quando o Manu Narada fundou o Templo do Sol na Cidade das Portas de Ouro da perdida Atlântida. O Manu Narada era um Senhor da Mente, porque os Atlantes estavam justamente evoluindo a mente consciente.

Foi da mesma maneira que os ideais arquetípicos trazidos pelo Manu Melquisedek, que era um Senhor da Forma, pertencendo a esta escola as mais antigas iniciações de nossa raça atual, de que se pode ter notícia. Por êsse motivo, ao maior de seus Iniciados se chama "Sumo Sacerdote da Ordem de Melquisedek", designando assim sua genealogia espiritual procedente dessa iniciação primordial.

Entre outras coisas, o Manu Melquisedek trouxe ao seu povo o trigo e as abelhas, como o indicam os seus símbolos nos Mistérios. O trigo é o báculo da vida de Seus povos e é curioso notar-se que os consumidores do trigo são geralmente cristãos, e que onde não cresce o trigo também não se difunde o Cristianismo.

Pois bem, o álcool, diga-se o que se quiser de seus abusos, era o equivalente ocidental do sumo chamado Soma, o meio pelo qual se conseguia que o cérebro respondesse às vibrações da mente abstrata, que é o objetivo a ser desenvolvido por esta raça raiz, assim como os Atlantes tiveram que desenvolver a mentalidade concreta que nos legaram. A ebriedade é realmente Magia Negra, o uso de conhecimentos ocultos para fins pessoais, que é o mal característico da Europa. O que o álcool tem sido para esta sub-raça sê-lo-á o conhecimento das glândulas endógenas para a próxima sub-raça. Êste conhecimento fôra por muito tempo o segredo dos iniciados, e é o que constitui a base dos sistemas iogues de respiração, porém a ciência exotérica está agora

descobrimo verdades por sua própria conta e nelas está contido o germe de sua própria destruição.

Não se deve, porém, acreditar que o Manu de um Raio atue como Rei e Sacerdote no princípio, e o Logos Planetário de um Raio como seu Cristo no subciclo que corresponda por seu número ao número do Raio, fique a humanidade sem guia um só instante. Cada subciclo de um Raio, cada sub-raça da humanidade tem seu Grande Ser, mas êstes não são do grau do Logos Planetário, que são a humanidade aperfeiçoada de Evoluções anteriores, mas, sim, são da humanidade aperfeiçoada da sub-raça imediatamente precedente, que em número corresponde ao subciclo do Raio em que se esteja trabalhando. Êstas entidades devem ser distinguidas dos verdadeiros Logos Planetários pelo fato de que todos os Cristos se manifestam sempre mediante um Nascimento Virginal, e morrem em Sacrifício, e em tudo isto se oculta um profundo segrêdo.

Razoavelmente se poderia perguntar: como se poderiam comprovar tôdas essas afirmações? A ninguém que tenha desenvolvido devidamente sua consciência racional, se lhe pode pedir justificadamente que aceite estas afirmações por uma fé, e que, forçado pelas leis da sua própria natureza, deseje pedir provas. A prova de todos êstes fatos se encontra na Lei das Correspondências: "Como é em cima, é embaixo". O que é verdade no microcosmos, o homem, é verdade no Macrocosmos, e o que é certo em relação ao homem o é também para a ameba, e o que é verdade para a ameba, o é para o Macrocosmos. Se as descobertas de um psíquico não se enquadram dentro do Sistema Cósmico, então não são exatas. Por conseguinte, o psíquico que não é ainda iniciado, encontra-se em grande desvantagem, porque não pode comparar suas medidas com as da Grande Pirâmide.

Nas Leis Cósmicas não há exceção, nem tampouco nos sistemas das diferentes escolas há variação, se são compreendidas com tôda a pureza, e não custará grande trabalho o comprovar que o bosquejo que traçamos nas páginas precedentes, embora proceda da Tradição Ocidental, não está absolutamente em conflito com o sistema delineado pela Sra. Blavatsky em sua *Doutrina Secreta*, que ela recebeu da Tradição Oriental.

FONTES DA TRADIÇÃO CRISTÃ ESOTÉRICA

OS DIFERENTES panteões dos grandes credos cósmicos — egípcio, grego ou cristão — representam sistemas de simbologias em que se têm encerrado as verdades abstratas ensinadas por seus fundadores, os filhos de Deus. O Cristianismo é o sistema mais abstrato de todos, e é também o que menos tem sido antropomorfizado entre os demais, pois mesmo o culto da Virgem Maria, *Stela Maris*, a Rainha dos Céus, lhe foi introduzido só nos últimos tempos.

Por conseguinte, no Cristianismo podemos ver uma representação da Verdade Única em forma muito espiritual, e para poder captá-la é preciso uma intuição espiritual muito desenvolvida. Portanto, onde não existe intuição, o Cristianismo não produz atração alguma, por não possuir interpretações intelectuais que sirvam de alimento à mentalidade concreta. É justamente aí que reside a rebilidade do Cristianismo e sua falta de complemento.

Os Grandes Fundadores de cada fé dão um ensinamento espiritual e um impulso igualmente espiritual, somente. São as hierarquias sacerdotais que posteriormente elaboram a teologia e o cerimonial adequados. Os homens que constituíram o Cristianismo primitivo vieram de duas esferas diferentes: os iniciados nos Mistérios e os não iniciados. Dos primeiros são exemplos São Paulo e São João o divino. A influência da preparação que tenham recebido nos Mistérios percebemos logo em suas obras. São Paulo distingue entre as coisas

que se podem dizer abertamente a todos e as que só se podem mencionar vagamente para benefício daqueles que forem capazes de captar a alusão.

Naturalmente, produziu-se uma grande rivalidade entre os dois tipos de Cristianismo, isto é, entre os que haviam aceito os ensinamentos de Nosso Senhor sem nenhuma preparação nos Mistérios e que dependiam exclusivamente de sua intuição e de suas boas obras, e os que já estavam habituados aos sistemas e à preparação dos Mistérios, os quais tratavam de expressar as verdades do Cristianismo na linguagem da Filosofia Esotérica. O primeiro capítulo do Evangelho de São João é um excelente exemplo do processo, mercê do qual as pessoas altamente preparadas nos conhecimentos místicos relacionavam os novos ensinamentos com os antigos que já lhes eram familiares. Neste Evangelho podemos ver a influência das escolas de iniciação gregas, enquanto que no *Apocalipse* vemos a influência do pensamento cabalista.

As Escolas Agnósticas foram os Mistérios Cristãos, estabelecidos por iniciados de outras Escolas de Mistérios, que se haviam convertido ao Cristianismo e tratavam de construir dentro da dispensação cristã os sistemas aos quais já estavam habituados.

Na luta assim travada entre as duas classes de cristãos — os iniciados e os não iniciados — os últimos ganharam finalmente a batalha, e desde então começaram as perseguições e a ordem de se abolirem os Mistérios de Jesus. O elemento ortodoxo foi logo se desenvolvendo, como era inevitável, e algo assim como um sistema próprio de Mistérios foi criado com os chamados sacramentos, que não são mais que magia ritual pura e simples, como o reconhece uma autoridade de grande categoria que foi Evelyn Underhill.

No entanto, com o desenvolvimento do sistema sacramental não se produziu um desenvolvimento equivalente da interpretação metafísica. Chama-se de superstição o emprêgo de formas ou fórmulas cujo significado se perdeu. Os sacramentos, em vez de ser um sistema simbólico dos Mistérios de Jesus, aproximaram-se perigosamente de uma vã observância em relação aos que os observam com su-

persticioso temor, em vez de compreenderem todo o seu significado psicológico e esotérico.

Produziu-se, assim, uma espécie de abismo em nosso Cristianismo moderno, entre o misticismo de suas profundas verdades espirituais e as cerimônias simbólicas e mágicas de seu ritual. A tarefa das escolas modernas de Mistérios consiste precisamente em estender uma ponte sôbre êste abismo. É possível que algumas das tais escolas tivessem que reacender seus fogos em algum Altar Oriental, de maneira que a ponte que estão construindo não leve aos contatos cristãos ocidentais. Aquêles de seus seguidores que buscam a iniciação em vez de obter as revelações profundas de seu próprio credo, terão que mudar de religião e seguir outros Mestres.

Como poderemos nós, os ocidentais, estender a ponte sôbre êsse abismo? Teremos que proceder como o fizeram os gnósticos originais, tratando de expressar em linguagem metafísica dos Mistérios os ensinamentos do Senhor, criando, assim, uma Escola Cristã Esotérica, que seja a de Iniciação no Ocidente. Os gnósticos tiraram sua inspiração de duas fontes principais: os Mistérios da Grécia e o misticismo de Israel, a Cabala, com a qual o SENOR estava, supõe-se, muito familiarizado. São essas as fontes onde podemos encontrar a interpretação mental e mágica de nossa religião, e que nos subministrarão as chaves perdidas.

Os elementos que foram excluídos do Cristianismo devem ser substituídos se tivermos de transformá-la numa verdadeira Religião da Sabedoria. Se não conseguirmos que ela possa satisfazer tanto as necessidades intelectuais como as do coração, os que necessitam alimento mais para o intelecto do que para o coração, irão buscá-lo em outra parte e não poderemos criticá-los.

Anàlogamente, se não se reconhece com tôda a clareza a relação existente entre o Ocultismo e a Religião, a Ciência Sagrada, privada de sua inspiração espiritual, degenera rapidamente pela Senda da Esquerda.

O Ocultismo devidamente compreendido é o servidor da Religião e não constitui absolutamente um fim por

si mesmo. Sua obra consiste em trazer até o plano astral, pondo-as assim ao alcance de nossa consciência, as forças espirituais que, sem as fórmulas concentradoras empregadas pelo Ocultismo, se dispersariam e se perderiam nas areias da mentalidade mortal. O Ocultismo é o método por excelência para manipular e trabalhar a mentalidade humana, e se se emprega como auxiliar da Religião, leva influências espirituais às zonas tenebrosas, às quais seria impossível aproximar-se de outra maneira qualquer.

Por conseguinte, podemos dizer que em qualquer Escola de Misticismo Ocidental, o autor e complementador de nossa Fé tem que ser Jesus Cristo, o *Grande Iniciador do Ocidente*, e que em Seu Nome podemos fazer o que, sem proteção e sem santificação, não nos atreveríamos a realizar. Tôdas as realizações do Ocultismo devem estar dedicadas ao serviço de Deus, pois do contrário não há justificação possível para se intrometer-se nos Mistérios da Natureza e provocar o nascimento das faculdades superiores antes de seu tempo. O mais alto grau de iniciação nada mais é do que *uma crucificação para a salvação da raça humana*, o sacrifício de si mesmo para purgar o Carma Racial.

Todos os que aspirem à Iniciação deve ter sempre bem presente que a recompensa que coroará todos os seus esforços, é uma Coroa de Espinhos. A menos que tenhamos um amor tão grande pela humanidade, uma simpatia tão intensa pelos seus sofrimentos, que não só estejamos dispostos, mas ansiosos de aproveitar tôda e qualquer oportunidade para nos operecer em sacrifício pelos pecados da humanidade, não há nenhum objetivo em pormos os pés na Senda da Iniciação, porque sua meta será como pó e cinza para o homem não regenerado. O objetivo e fim da Iniciação não são nem poderes mágicos nem a sexperiências maravilhosas, e sim, meramente a aptidão de oferecer um sacrifício aceitável e efetivo para contribuir para a neutralização do Carma Cósmico.

Como já temos visto, repetidas tentativas têm sido feitas para desenvolver o aspecto esotérico do Cristianismo. Nosso Senhor e alguns de seus discípulos imediatos estavam indiscutivelmente versados na Cabala, e mutas influências gregas

e alexandrinas haviam afetado a maioria dos construtores da Igreja primitiva. Foram essas influências que se cristalizaram no aspecto Gnóstico do Cristianismo. Mais tarde se fizeram tentativas, sendo as três mais notáveis, em primeiro lugar, a Escola de Iniciação, que tinha por simbolismo o Graal e a Távola Redonda, cuja inspiração procedia de fontes druídicas.

Esta escola desapareceu na desorganização geral da sociedade, produzida nos Séculos do Obscurantismo. Em segundo lugar, os Cavaleiros Templários, enquanto lutavam contra os "infiéis" na Terra Santa, se puseram em contato com os últimos sobreviventes da tradição secreta de Israel e receberam a iniciação deles. Então trouxeram para a Europa os segredos assim obtidos, dando-lhes uma expressão cristã, e chegaram a ser uma organização tão poderosa na Europa que o Papa, temendo o seu poder espiritual, e um rei da França, temendo o seu poder temporal, fizeram causa comum contra eles. Em terceiro lugar, está este curioso movimento que se anunciou com a publicação da *Fama Fraternitatis*, que tirou provavelmente sua inspiração de fontes egípcias. Foi isto que deu nascimento à chamada *Al Kheme*, ou Alquimia, a Ciência dos egípcios.

Para poder fazer um estudo adequado de cada uma destas fontes de inspiração, necessitaríamos escrever outros tantos livros, porém o que já dissemos basta para indicar ao leitor onde pode encontrar as fontes-mães do Ocultismo Ocidental e prosseguir seus estudos com mais proveito.

O ALFABETO DOS MISTÉRIOS

TODOS os sistemas esotéricos possuem um sistema simbólico de notações de seus respectivos ensinamentos. Cada um dos símbolos empregados indica uma potência espiritual, e as idéias que se associam a êles indicam seu método de funcionamento, e suas inter-relações representam a interação dessas forças. Se possuirmos as chaves de um sistema simbólico qualquer, podemos facilmente encontrar suas equivalências em todos os demais, porque fundamentalmente são todos iguais.

Todos os deuses e deusas de uma panteão, com uma só exceção, representam forças da Natureza e princípios espirituais fundamentais, porque um é o reverso do outro e vice-versa. Este sistema de simbologia pode ser traduzido em termos de cada um dos planos ou esferas do Universo manifestado. No Mundo Físico equivaleriam ao que, em termos orientais, se denominam *chakras* (*) mundanos, isto é, os pontos no Mundo Físico, em que o Invisível se põe em contato com o Visível. Os diferentes tipos de força têm distintos pontos de contato.

Êstes estão representados pelo doze signos do Zodíaco, os sete planetas e os quatro elementos, e têm sua correspondência sobre os diferentes planos de existência, com os diferentes graus da hierarquia celestial. O verdadeiro conheci-

(*) Leia-se *Os Chakras*", de C. W. Leadbeater, ed. *Pensamento*.

mento dêles é um dos segredos melhor guardados dos Mistérios, e jamais revelados no recinto externo.

Estes símbolos cósmicos são, ademais, representados pelas letras de uma língua sagrada, que, na Tradição Ocidental, é o hebreu. Com essas letras se formam todos os Nomes Sagrados e as Palavras de Poder, as quais são simples fórmulas que resumem certas potências.

E desta maneira se representa o Universo ao Iniciado, e então êste pode descobrir as correlações entre as suas distintas partes e ver que realidades invisíveis estão projetando suas sombras sôbre o Mundo, como *Maya* ou Ilusão. Empregando êste princípio, formam-se rituais que servem para pôr a alma do ser humano em contato com as potências representadas, e preparam-se sistemas adivinhatórios que revelam as combinações e os movimentos destas fôrças invisíveis. Não devemos esquecer que a adivinhação consiste no discernimento do Invisível, e é coisa muito distinta da chamada bem-aventurança, com a qual teria a mesma relação que a medicina científica com os específicos cura-tudo que são vendidos nas feiras por uma ninharia.

Ao falar dos panteões dos deuses, fizemos notar que cada deus ou deusa representa um princípio espiritual ou uma fôrça da Natureza, com apenas uma exceção, o Deus Sacrificado, que representa a alma do Iniciado, do qual é também o Grande Iniciador.

O Panteão pode ser encarado de dois pontos de vista: o externo e o interno. Pode ser discernido na Natureza ou na alma humana. Em seu aspecto final, ambos são *um*. É êste o objetivo do trabalho dos Mistérios.

Não existe o politeísmo no sentido em que geralmente se entende por essa palavra. Reconhece-se sempre um Pai dos Deuses, que é a Causa Primária do Universo, da qual emanam tôdas as coisas. No entanto, podemos distinguir entre as religiões que consideram Deus como artífice em vez de criador, e os que reconhecem uma delegação dessas funções em divindades inferiores.

Até num credo rigidamente monoteísta como o Judaísmo, reconhece-se que é inconcebível a ação direta de Deus em tôdas as matérias, e assim temos o conceito das Ema-

nações Divinas ou o *Sefiroth* e suas manifestações nos quatro mundos dos cabalistas por meio das hostes angélicas. Nesta concepção não existe uma diferença fundamental dos sistemas egípcio e hindostânico, salvo a de que os anjos das manifestações são distintamente reconhecidos como os servidores de Deus e não como Seus companheiros. Não é difícil estabelecer claramente as três cosmogonias com o auxílio do simbolismo astrológico.

O estudante dos Mistérios precisa, portanto, conhecer seu simbolismo cósmico, tal como se expõe nos panteões, e ainda que adira a uma dêstes sistemas como sua chave própria, não é demais que se familiarize bem com os outros, porque cada um tem seu próprio desenvolvimento e aplicação, e pode lançar muita luz adicional sôbre o sistema que tenha escolhido para si. Por exemplo, a mais profunda magia natural se encontra no sistema egípcio, ao passo que as mais elevadas metafísicas têm de ser buscadas na Índia.

Se, porém, se deseja fazer aplicações práticas de seus estados, o iniciado deve investigar a alma humana tanto quanto a natureza do Universo, e o progresso da alma através de suas iniciações estará simbolizado na biografia do Redentor que assinalou o caminho e que é para êle o Grande Mestre Iniciador. Nêle encontrará uma epítome da carreira da alma desde a consciência sensorial até a União Divina.

A essência do Ocultismo reside na interação entre os diferentes níveis da consciência e os correspondentes planos de manifestação. O psíquico é uma pessoa que funciona negativamente nesta interação; reage com relação às condições com as quais se põe em contato e mercê disso as percebe, porém não tem nenhuma influência sôbre elas, ou muito pouca.

Por sua vez, o Adepto percebe mas não reage, e, portanto, opera positivamente em suas relações com os mundos sutis, emitindo Sua influência própria em vez de recebê-la e ser impregnado por ela. O mago distingue-se de ambos como uma pessoa que sabe como exercer sua influência nesses mundos sutis, embora não possa percebê-lo, e, portanto, possa agir nêles diretamente, ficando assim obrigado a de-

pende de intermediários aos quais evoca para que executem a sua vontade.

O verdadeiro Adepto não depende da intervenção dos espíritos, sejam divinos ou diabólicos, mas age diretamente sobre a esfera que tenha escolhido, e como os principais riscos do Ocultismo se encontram justamente na evocação dos espíritos e sua subsequente desaparecimento, ver-se-á claramente que o mago se acha numa situação muito distinta da do Adepto em suas relações com os Mundos Sutis.

No entanto, além de seus estudos essencialmente ocultos, existem outras ciências com as quais o estudante deve estar relacionado e deve fazer justiça às suas tarefas, porque, embora tenha delas um conhecimento regular, não poderá apreciar o significado de uma grande parte de suas investigações ocultas. Em primeiro lugar, e como mais importante, está o estudo da Psicologia, porque, sem ter um conhecimento completo da natureza da consciência, não estará preparado para enfrentar os intrincadíssimos problemas da consciência, que se apresentam por si sós no curso de seus estudos, e nos quais, como coisa comum, tudo gira em torno da natureza da consciência e de suas relações com o Ego nos vários níveis ou esferas de manifestação.

A psicologia escolástica ordinária — a que se pode aprender em qualquer escola — terá muito pouco interesse para o estudante, e uma vez que tenha aprendido suas lições mais simples, relacionadas com os modos de captação e classificação da consciência, pode abandonar sem receio a escola oficial e proceder a investigações das escolas analíticas, especialmente a de Jung, porque lhe proporcionarão resultados muito ricos. E depois de familiarizar-se com seus métodos e conceitos, convém que investigue os fenômenos da hipnose, da sugestão e dos estudos supranormais em geral. Não tardará a descobrir que tanto os espiritistas como os místicos católicos tem muito que lhe ensinar sobre estes temas, que compensará, com acréscimos, o trabalho quem se tenha dedicado ao estudo.

Assim equipado com os dados que lhe permitirão formar juízos adequados, encontrar-se-á em muitíssimo melhores condições para investigar o Invisível do que se tivesse se

aventurado sem nada mais que a couraça de sua fé. A consciência do vidente e os poderes do mago não são coisas separadas, que não tenham afinidades entre si, porém são aplicações das leis da Natureza, cujas operações podem ser vistas e estudadas em outras esferas, da mesma maneira que a do Ocultismo prático, e é graças a êste estudo comparativo que se obtém muitíssima luz sôbre sua operação.

É também muito valioso um conhecimento geral de antropologia, arqueologia e tradicionalismo popular, para os diferentes sistemas, especialmente o dos povos primitivos de nossos dias. Esse conhecimento costuma lançar muita luz sôbre as antigas culturas, a qual nos permite captar melhor o seu significado metafísico. É também essencial um conhecimento geral da fisiologia, para compreender bem as relações entre a mente e o corpo, e os novos trabalhos de descobrimentos físicos são de especial interêsse para os estudantes de Ocultismo, já que explicam a natureza do substrato etérico do Universo Manifestado. Finalmente, deve existir alguma preparação pelo menos nos métodos e conceitos da fisiologia e da religião comparada. Assim equipado, o Iniciado terá as bases culturais indispensáveis para enfrentar devidamente o objeto escolhido de seu estudo, com um espírito científico que produza resultados dignos de séria consideração.

TERCEIRA PARTE

PRÁTICA

ADESTRAMENTO DA MENTE

OS GARIMPEIROS da magia dão instruções para a preparação dos instrumentos mágicos que devem ser empregados nesse trabalho: o centro, a espada, a pena de ave para traçar os pentáculos e tudo o mais. No entanto, isto não passa em realidade de obra de pessoas não iniciadas, com alguns segredos entendidos pela metade e pior expostos, roubados dos Mistérios.

Este conceito materialista tem persistido mesmo entre os estudantes da matéria, que deviam saber melhor as coisas. A virtude de um artigo material não consiste no complicado e minucioso processo que se emprega na sua preparação, e sim, no estado produzido na contraparte etérica dêsse antigo objeto, ou pela manipulação e concentração mental que recebe em todo o curso da operação. Em primeiro lugar, fica imantado pelo magnetismo pessoal do operador; depois se forma ao seu redor uma aura de formas mentais, e em terceiro lugar, mediante o emprêgo devido da imaginação e da vontade, se lhe converte em veículo físico de uma Fôrça ou Potência Cós mica invisível, com a qual o operador se pôs em contato.

Por estas considerações se verá que a essência de tôdas as operações práticas é puramente mental. E disso se infere claramente que é nos podêres da mente que se encontra a chave de todo o processo. No entanto, embora todo o mundo possua uma mente, não tem de maneira alguma os meios

nem o emprêgo consciente dêsses podêres, ainda que existam mais pessoas do que se poderia crer, que os usam subconsciente ou involuntariamente. Uma grande parte da preparação e do adestramento do iniciado consiste, portanto, no desenvolvimento dêstes aspectos latentes da mente.

Para os propósitos de nosso estudo, poderíamos considerar a mente dividida em três partes, como se faz em psicologia: sentimento, vontade e razão, mas em vez de considerá-las unidades separadas, como o fazem, as consideraremos, tal qual os cabalistas, como emanções sucessivas que resultam num equilíbrio. Poderíamos considerar o Sentimento e a Razão como uma polaridade e a vontade cinética como o resultado de sua união. Mas isto não bastaria. De acôrdo com os princípios cabalísticos, uma trindade assim formada deve resumir-se num quarto princípio num plano inferior, antes de poder funcionar. Se o plano que consideramos é um plano inferior, então se resumiriam num corpo físico, o que lhes dará expressão no plano de matéria sob a forma de instinto. Porém, se o plano em consideração é um plano superior, se resumirão nessa faculdade tão pouco compreendida que se chama imaginação. O Poder Oculto surge somente desta síntese num plano superior, e só ali.

Devemos, pois, considerar o processo mediante o qual o Adepto em formação pode primeiramente dissecar êstes fatores separados da coordenação geral de sua mente, purificando-os e coordenando-os, para poder ressintetizá-los numa aspiração superior. Êste é o verdadeiro processo alquímico, a Grande Obra.

A sujeira tem sido definida como substância colocada fora de seu lugar apropriado. Portanto, a purificação consiste em colocar em seu devido lugar tudo quanto tenha sido deslocado, misturado ou adulterado com aquilo que não lhe pertence. Assim, pois, se a emoção se mistura em qualquer processo intelectual, contamina e adultera os resultados, porque os processos intelectuais devem realizar-se apenas em termos da razão, para que possam alcançar ulteriormente a verdade. Daí deduzimos que como ação preliminar a todo processo mental, devemos adquirir o domínio das emoções, para que não possam funcionar involuntariamente. Não se

obtem este domínio pelo expediente relativamente simples da repressão, e sim, pelo processo muitíssimo mais difícil da sublimação, de maneira que a força gerada por um estímulo externo em vez de produzir uma reação emotiva imediata, que pode surgir onde não convenha, é dirigida para uma reação muito mais remota, descarregando-se inofensivamente em outro plano. Desta maneira, uma reação imediata de ressentimento se transmuta em compaixão e tem sua manifestação em forma de caridade.

A tarefa seguinte a que o neófito tem que se aplicar, é a do adestramento de domínio de sua vontade. Poderia crer-se que para algumas pessoas esta tarefa é inútil e sem esperança, porque naturalmente são de vontade débil. Porém a vontade não pode ser considerada como um órgão separado da mente, que pode funcionar adequada ou inadequadamente. A vontade não segrega força como o fígado segrega a biliar. A vontade não é nada mais que o poder de concentrar energias disponíveis. Não importa quão forte seja a vontade de uma pessoa: ela não pode levar o corpo ou a mente além de um certo ponto. Tampouco importa quão musculoso seja o homem, porque não poderá fazer nada com todo o seu inteiro poder, se não puder concentrar sua vontade.

A vontade forte é realmente a vontade concentrada num ponto só, como se pode ver no bêbado, que é demasiado fraco de vontade para dedicar-se a qualquer trabalho, porém que demonstra uma tenacidade pasmosa para adquirir álcool de qualquer maneira.

O segredo da vontade forte consiste, portanto, em concentrá-la num só objeto. E isto só pode ser alcançado eliminando todos os demais objetos que possam dividir a atenção da vontade e dissipar assim suas energias. Por esta razão se diz que o sacrifício é o primeiro passo que se dá nos Mistérios, pois só sacrificando sem olhar os interesses contrários é como se pode obter a unidade de propósito, e, por conseguinte, o poder da Vontade.

Poder-se-ia argumentar que a pessoa que está assim concentrada será uma desequilibrada. Esta objeção é muito razoável, e o iniciado supera esta dificuldade mediante o uso do princípio do ritmo. Diz-se que conquanto o arco deva

estar bem esticado para lançar a flecha, se se mantém sempre esticado, perde sua elasticidade, de maneira que se deve ter o cuidado de afrouxá-lo e deixá-lo em descanso quando não está em uso. No entanto, o objetivo do arco é pôr-se em tensão, e portanto, nunca abandona a corda.

Nos primeiros dias de seu treinamento, o iniciado passa por uma disciplina muito estrita, e cada vez que se aparta da lei da Senda, tropeça com um castigo imediato e severíssimo. Não há senão uma senda segura para êle, e essa senda é tão estreita como o fio de uma navalha e tão reta como êsse mesmo fio. Nenhum ser humano jamais lhe pode impor essa disciplina: seu instrutor, o adepto sob quem trabalha e faz sua aprendizagem, faz o que está em seu poder mediante o exemplo e o conselho para evitar cometer erros, mas não pode constrangê-lo, nem evitar as conseqüências da violação de uma lei cósmica. A ação e a reação são iguais e opostas na Senda como em tôdas as demais situações, e o neófito tem que receber a reação das fôrças que seu próprio pensamento ponha em ação. Estas fôrças o elevam ou o afundam, segundo seu caso.

Uma vez atravessado êste trecho da Senda, o caminho se abre e o iniciado pode então voltar a tomar as coisas que tinha abandonado no altar do sacrifício, que se achava diante da própria porta. E quanto mais bem dotado êle estiver, tanto mais terá que trazer para suas tarefas. No entanto, depois da disciplina do caminho estreito e reto, nunca mais voltará a apegar-se às coisas externas como antes; será sempre senhor delas, de tal maneira que, estando livre das coisas, poderá usá-las e desfrutá-las, enriquecendo sua consciência sem se escravizar. Para isso é indispensável a disciplina preliminar, o cautério da liberdade.

O iniciado já preparado vem ao seu trabalho com capacidade de limpar perfeitamente o terreno à voz do mando para entrar imediatamente, sem ter que olhar para um lado nem para outro a fim de atingir a meta. Depois de tê-la alcançado, mas não antes, faz um inventário dos destroços e pensa suas feridas, e freqüentemente pode observar-se que a velocidade e o impulso de sua corrida o fizeram atravessar a senda quase sem prejudicar-se. Na vida real se verá

que são muito poucas as pessoas ou organizações humanas que podem resistir ao irresistível impulso da vontade disciplinada e que seu triunfo nada tem de mágico. Só quando se emprega o conhecimento da Cosmogonia dos planos sutis, é que começa o verdadeiro trabalho oculto, e unicamente quando se utiliza a vontade própria para dirigir forças cósmicas, é que aparece como uma vara mágica de poder ou como o cetro do mago.

Jamais se deve esquecer, ao considerar êstes assuntos, que essas forças devem sempre ser dirigidas em obediência estrita às Leis Cósmicas, pois do contrário a reação retornará imediatamente em círculo e destruirá o mago.

Só no princípio da evolução encontramos forças que se movem livremente, que ainda não ficaram estereotipadas na forma, e que podem então ser dirigidas e guiadas pela vontade humana. Por conseguinte, só a serviço da Hierarquia por cujo intermédio Deus guiou *Arturus* com seus filhos, pode empregar-se a magia branca. O neófito que segue a Senda usa os poderes de sua vontade dedicada à disciplina sobre si mesmo, e não sobre a Natureza externa.

Chegamos agora à consideração do adestramento do próprio intelecto. Esta questão é muito discutida geralmente entre os que buscam a Luz Interior, porque muitos deles são de temperamento puramente místico, cuja senda é a *Bakta Yoga*, a senda ou disciplina do amor. Estas pessoas não são adequadas para a senda oculta, onde as qualificações intelectuais são essenciais. Assim ocorre, que muitos chegam a essa Senda sem o preparo necessário, a não ser seus grandes ideais e aspirações, e lamentam-se amargamente acerca das condições exigidas, condições que por temperamento não podem cumprir, e perguntam: "Não é nosso Amor e Devoção o suficiente para nos levar a Deus?" Certamente é bastante se se contentam com a Senda da Devoção, porém não é bastante para a Senda Oculta, que é a Inteligência preparada e iluminada.

A capacidade intelectual é essencial na Senda Oculta, e se não se tem ou não se pode desenvolver, é inútil tentar dar o primeiro passo nesse caminho, da mesma maneira que resultaria inútil tentar empreender uma carreira universitária.

A mentalidade do iniciado deve estar muito bem preparada e adestrada na disciplina da lógica e da filosofia. Se algumas delas lhe falta, cairá nos mais graves erros, porque tomará sempre a aparência pela realidade. Contemplados metafisicamente, todos os planos de manifestação são diferentes tipos de existência, e os sete corpos do homem, sem excetuar o físico, são diferentes modos de consciência e diferentes tipos de organização da energia.

A menos que saibamos exatamente o que é a consciência e como se produz a captação ou apreensão, seremos incapazes de trasladar nossa consciência de um estado para outro. O processo pode ser comparado com a maneira pela qual, na arte musical, se transpõe uma peça de uma chave a outra. O amador que sabe improvisar um pouco, pode muito bem ser capaz de realizar semelhante transposição. O grande erro em que o psíquico pode cair, é o de confundir os planos pensando em termos de um quando em realidade está funcionando no outro. É assim que obtemos certos conceitos antropomórficos de Deus e do Universo Invisível. E para preveni-lo contra êstes erros, está delineada a disciplina mental do iniciado.

No entanto, por mais verdadeiros e claros que possam ser nossos conceitos metafísicos; por mais claramente que reconheçamos o significado da mudança de estados da consciência entre os planos, a menos que tenhamos um perfeito domínio de nossos pensamentos, não poderemos impedir que uma classe de consciência flua dentro da zona da outra, causando, assim, confusão. Nós todos sabemos, por amarga experiência, quão difícil é manter quietos e fixos os nossos pensamentos na igreja ou em classe, impedindo sua divagação. Supondo que estivéssemos funcionando fora de nosso corpo, no Mundo Astral, e que nossos pensamentos divagassem, nossa posição no espaço mudaria imediatamente, metaforicamente falando. Se estivéssemos pensando na Magia Egípcia e nossos pensamentos divagassem para a Magia Atlântica, veríamos que imediatamente teríamos mudado tanto de continente como de época. A menos que estejamos seguros de poder manter o pensamento firmemente na consciência durante um tempo considerável, sem divagar, seria

para nós inútil pensar em levar a cabo alguma operação de ocultismo prático.

O neófito tem, pois, que seguir um curso graduado de exercícios mentais, com o objetivo de lhe permitir alcançar um alto grau de concentração. Ninguém é capaz de meditação oculta se não pode meditar numa estação ferroviária enquanto espera um trem. Isto implica duas coisas: o poder de se absorver profundamente na meditação, esquecendo-se por completo do meio físico circundante, e o poder de manter-se simultaneamente fora do tempo e voltar à vontade. Sem o segundo poder, o primeiro é perigoso e desorganizador, e é causa de tantas *incoordenações* que se notam em alguns ocultistas.

Elevar a consciência a um plano determinado, inibindo todos os pensamentos e modos de consciência que correspondem a todos os planos que se encontram abaixo daqueles, exige, certamente, uma concentração perfeita. Quando o curso de associação de idéias entre os diferentes planos fica completamente cortado, como quando um ator se esquece súbitamente de seu papel e se encontra mudo em cena, a consciência fica livre para funcionar fora do corpo, sôbre o plano que tenha escolhido.

Em seguida, porém, enfrentamos um outro problema. Como recapturaremos a consciência, uma vez que a deixamos em liberdade? Não podemos ordenar seu regresso por império da vontade, quando teve lugar uma dissociação completa, da mesma maneira que o ator não pode ordenar à sua língua que continue sua tarefa. Temos que utilizar outro meio, que é o de pôr o despertador da subconsciência na hora que desejarmos, o que pode ser chamado o sentido do tempo. Isto, e sômente isto, é que nos pode fazer retroceder ao corpo, tal qual o fazemos ao acordar tôdas as manhãs.

Todo aquêle que vai aos planos internos sem estabelecer e fixar o sentido do tempo, está correndo riscos indesejados, e seus resultados podem notar-se com certa frequência ao ver o decaimento ou mudança de calibre que algumas vezes ataca o estudante da Ciência Esotérica, seja um místico ou um ocultista. Dissociou sua personalidade com o objetivo de poder sair do corpo e entrar nos planos inter-

nos, e depois não lhe foi possível sintetizá-la ou restabelece-la plenamente. Encontra-se então vivendo parcialmente nos mundos internos e não é completamente consciente de seu meio físico circundante, como tampouco é capaz de empregar seus modos de pensamento. Portanto, para êle um pensamento é uma coisa, e um desejo a realização dessa coisa.

Finalmente, chegamos à consideração do quarto elemento em nossa preparação e adestramento mental: o trabalho da imaginação, a faculdade de formar imagens mentais; em outras palavras, o que forma as matrizes astrais.

Se o trabalho dos três aspectos anteriores foi devidamente realizado, encontraremos muito pouca dificuldade em sintetizar o quarto. O processo em si não apresenta problema algum, sempre que o trabalho preliminar tenha sido devidamente executado. Nossa única preocupação deve consistir em formar êstes pensamentos de acôrdo com as Leis Cós-micas, porque, se nos desviamos delas em nossas operações, serão ou perigosas ou inúteis. Por esta razão o iniciado deve ter um conhecimento muito completo da Cosmologia Esotérica, porque tem que trabalhar e construir de acôrdo com as Leis do Cosmos, já que êle próprio, ao tentar êste trabalho, uniu-se às fileiras do *Arkones*, Devas ou Espíritos Construtores Solares, e é muito estreita a linha que separa os *Bent-Elojim* (Elohim) dos Anjos Caídos.

Vemos, pois, que o equipamento do Adepto é muito extenso, e que ninguém, a não ser aquêles que começam com certo grau de capacidade e aptidão naturais, habituados já à disciplina e ao regime, e além disso dispostos a trabalhar e a trabalhar para viver, têm possibilidades de alcançar seu objetivo. Em certa oportunidade nos disse um Adepto, a cujas ordens tivemos o privilégio de trabalhar, que a menos que o homem trabalhe no Ocultismo como trabalha quando quer alcançar o pináculo de suas respectivas profissões, nunca alcançará o seu objetivo.

Existe um livro que, sôbre todos os demais, recomendaríamos a todo aspirante à iniciação, e êsse é um volume já passado de moda e desdenhado pelo idealismo vitoriano: *Ajuda-te a Ti Mesmo*, de Samuel Smiles. Ali vereis como todos os grandes "pioneiros" e precursores da indústria luta-

ram e trabalharam para atingir seus propósitos. Ali lereis sobre Pallissy, o grande ferreiro que queimava os móveis de sua casa para manter aceso o forno, reduzindo-se à mais miserável pobreza para recuperar os perdidos segredos da fabricação do vidro. E também lereis ali que muito poucos seres humanos receberam alguma recompensa em sua vida, porém morreram pobres e esquecidos. Sua recompensa consistia no conhecimento da obra bem realizada e nos segredos arrancados da Natureza para enriquecer a humanidade. Como Prometeu, tinham trazido o fogo do céu e os abutres lhes comiam o fígado como recompensa.

E uma vez que o estudante tenha meditado bem sobre tôdas estas coisas, então pode pôr seus pés na Senda que conduz ao Adeptado.

ADESTRAMENTO DO CORPO

A CHAVE do ocultismo está na mente; porém nenhuma operação oculta pode ser considerada completa enquanto não fôr passada pelo plano da matéria, ainda que isto consista apenas numa recordação na consciência cerebral. Do contrário, tôdas as experiências devem ser consideradas como outros tantos abortos. Temos, pois, que considerar as condições físicas que ajudam ou prejudicam nossas experiências.

A prática dos antigos, baseada na experiência tradicional, costuma ser um guia de tôda confiança nestas matérias, sempre que as encontramos não adulteradas pelas superstições. A práticas do psíquicos modernos se baseia frequentemente no capricho hipersensitivo, guiado por conhecimentos espúrios.

O degrau entre a matéria e a mente se encontra nos subplanos etéricos da existência. Tenha-se em conta que o ocultista não classifica o éter e suas subdivisões como um plano separado do Mundo Físico, indicando assim claramente que não se pode traçar uma linha divisória bem nítida entre a matéria em seus estados densos e a matéria em seus estados etéricos. A diferença é apenas de grau, não de classe. Os três subplanos etéricos mais densos estão associados, respectivamente, com o calor, a luz e a eletricidade, e o quarto — acêrca do qual o cientista nada sabe — é o *Akasha* ou Luz Astral dos Antigos, o ponto de contato entre a mente e a matéria, e por sua vez, a matéria-prima da magia.

O *Akasha* pode ser modelado por forças emocionais do Plano Astral, e por sua vez é capaz de influenciar os outros subplanos etéricos; porém não pode exercer influência sobre a matéria densa. Os éteres, contudo, em seus estados cinéticos como calor, luz e eletricidade, podem influir sobre a matéria densa, de maneira que, se soubermos como usá-los, teremos uma linha de comunicação entre a mente e a matéria por meio do *Akasha* ou Luz Astral, e esta Escada de Jacó é utilizada pelos Iniciados em seu trabalho.

Tôda forma manifestada tem certa quantidade de *Akasha* incorporada em sua própria substância, algumas mais e outras menos. Ao redor de cada forma, seja uma diatomácea ou um planêta, existe um campo elétrico de tensão magnética. Este campo eletromagnético, e mais uma quantidade de luz astral, é o que constitui o veículo das forças vitais e transmite as mensagens da mente. Por conseguinte, quando o ocultista realiza operações no Mundo Físico, é sobre este corpo etérico que êle está operando e não sobre a matéria densa. Se usa objetos ou substâncias materiais, é tão-só devido ao elemento etérico que entra em sua composição.

Por exemplo, os cristais e os metais puros são os que contêm a maior proporção de substância etérica na Natureza inanimada. As combinações e as substâncias compostas são praticamente inúteis do ponto de vista oculto, porque seus respectivos corpos etéricos não formam um todo coerente, mas têm dois tipos de vibração. Por isso, os antigos utilizavam estas substâncias, cristais de alta refração, metais puros sem ligas, etc... para a construção de talismãs e amuletos. E como sua fé nêles não se baseava em simples superstições, encontra-se no fato de que o eletricitista também precisa metais puros e sem ligas para suas baterias e circuitos, e de que os cristais são empregados como detetores da telegrafia sem fio, porque são muito susceptíveis às vibrações do éter. Isto confirma o que dizem os ocultistas: os cristais constituem as substâncias mais mágicas de tudo quanto existe no Mundo Físico, porque são os mais etéricos.

O ocultista trata de fazer de seu corpo físico um veículo que não o moleste nem estorve em suas atividades psíquicas, isto é, tem de ser o mais refinado possível, utilizando

esta palavra no mesmo sentido que lhe dão os metalúrgicos, e não em sentido social. Em segundo lugar, tem de ser de uma fortaleza e resistência tais que possa suportar as forças excepcionais que há de transmitir. O Adepto, por conseguinte, não é uma pessoa eterizada como os santos convencionais dos vitrais das igrejas que, segundo a linguagem popular, parecem patos moribundos numa tormenta. Um ocultista bem preparado, devido a seu regime, possui grande resistência física e uma vitalidade tenaz, como o demonstra, por exemplo, os extraordinários acontecimentos relacionados com o assassinato de Rasputine, que suportou o cianureto de potássio e até as balas na cabeça e coração, e teve de ser feito em pedaços antes de sua vida extinguir-se.

O ocultista não considera o cérebro como veículo da mente, e sim, como o órgão da coordenação motriz e sensível, o que é muito diferente. Para o ocultista, os veículos da mente são os sete *chakras*, como os chamam no Oriente, ou, em outras palavras, as glândulas endógenas. Um ligeiro exame dêste ponto revelará suas implicações.

As glândulas endócrinas lançam suas secreções na corrente sangüínea, e o sangue é literalmente a essência do ser humano. Se se altera a composição química do sangue, altera-se igualmente a consciência, como o provam os fenômenos da anestesia e da loucura. Muitos casos de insânia são completamente curados quando se eliminam determinados focos sépticos, tais como as amígdalas ou os dentes em mau estado, enquanto que outros tipos respondem à adição dos produtos de certas glândulas à corrente sangüínea, a qual não os possuía na proporção necessária.

Conseqüentemente, devido aos delicados processos de consciência especializada a que se entrega o ocultista, êle há de ter uma corrente sangüínea que de maneira alguma lhe deforme ou adultere a consciência. O descuido desta precaução elementar, que se encontra na raiz de muitas perturbações psíquicas e é uma das causas mais freqüentes e comuns das chamadas obsessões, se encontra na constipação ou prisão de ventre. A corrente sangüínea, carregada de impurezas reabsorvidas dos intestinos, afeta a consciência e a degrada, pondo-a em contato com os correspondentes aspectos

astrais, e as faculdades psíquicas fazem então o resto, revelando ao paciente a natureza daquilo com o qual tem sido pôsto em contato. O calomelano costuma ser o exorcista mais simples e eficaz nesse caso, e com a limpeza das substâncias degradadas do corpo, ficam igualmente rotos todos os contatos psíquicos degradantes.

Qualquer estado anormal ou enfermício dos órgãos genitais costuma tornar o trabalho oculto muito arriscado e impossível; e às vêzes as desproporções ou deformidades da estrutura óssea do corpo podem constituir graves desvantagens. No entanto, as feridas ou deformidades causadas por enfermidades ou acidentes, não parecem constituir prejuízo algum. Por exemplo, um homem que tenha sofrido a perda de todo um membro do corpo, poderia continuar trabalhando no ritual, enquanto que outro, com uma ligeira deformidade congênita, não poderia fazê-lo. É digno de notar-se que sempre sai tudo melhor se as partes mais importantes do ritual são realizadas por pessoas altas e vigorosamente constituídas.

É também muito inconveniente tentar realizar qualquer tipo de ocultismo prático quando se está exausto ou febril. No primeiro caso, não está em condições de manter seu firme domínio sôbre as fôrças, e no segundo, costuma apresentar-se uma forma inferior de psiquismo, bastante desagradável, cujo resultado é o delírio.

A questão da dieta é outro ponto extremamente enfadonho nos círculos ocultos, e já tratamos dêste assunto com certa extensão em nossa obra *Ocultismo São*, pelo que não consideramos necessário repetir a discussão nestas páginas. Seus aspectos ético e humanitário não se enquadram dentro do espaço da presente discussão: são questão de opinião e de consciência, e não podemos ocupar-nos dêles aqui.

Do ponto de vista do ocultismo prático, o primeiro requisito é uma mente sã num corpo são; e qualquer dieta ou regime que produza êsse resultado é satisfatório. No entanto, sempre se observará que a presença de alimentos no estômago, mesmo em pequena quantidade, torna o trabalho nos planos sutis mais difícil e às vêzes impossível. Por conseguinte, é aconselhável não comer nada pelo menos duas horas antes de empreender qualquer trabalho prático.

A Tradição Oriental e as organizações que dela derivam, inculcam um vegetarianismo estrito, baseado tanto em razões psíquicas como humanitárias. A Tradição Ocidental nem sempre o faz assim. O efeito do regime vegetariano consiste em aumentar grandemente a sensibilidade do sistema nervoso, tornando destarte mais fácil a percepção das forças sutis. O principal inconveniente dêste sistema sensibilizador no Ocidente — segundo alguns, porém hoje em dia muito desmentido pelos fatos — é que a sensibilidade que daí resulta inabilita as pessoas para a luta e a intensidade da vida das grandes cidades, a menos que possam conseguir uma reclusão adequada.

Muito iniciado da Tradição Ocidental se sobrepõe a esta falta relativa de sensibilidade, bem como à densidade da atmosfera onde êle trabalha, concentrando as forças por meio do cerimonial. Na Europa é extremamente difícil obter resultados sem o emprêgo do ritual. Cada disciplina é eficaz em sua própria esfera e modo de ser, porém é nociva a mistura de disciplinas.

No Oriente se costuma dar muita importância a *Asana*, a postura meditativa, porém as posições e atividades ali usadas são quase impossíveis para muitos ocidentais. No entanto, a postura tem sua importância. O princípio que se deve ter presente é que o corpo físico representa uma bateria elétrica, e que durante a meditação se deve manter fechado. Qualquer posição em que o corpo se encontre simetricamente disposto e equilibrado, será satisfatória, sempre que a coluna vertebral esteja ereta, e os pés e mãos juntos ou tocando alguma parte do corpo. Cruzar as pernas não é bom, porque falta a simetria, e pela mesma razão, deitar-se de um lado ou encolhido, também não é satisfatório. O melhor é deitar-se de costas sôbre um divã ou sentar-se direito numa cadeira de braços. A posição deve ser tal que, se a meditação se transformar em transe, não haja perigo de queda. A ninguém agrada voltar de uma viagem astral para descobrir que perdeu algum dente de um cochilão. Além disso, a sensação de insegurança quando o corpo passa ao estado de transe, será suficiente para despertar a consciência e impedir o transe profundo.

As duas melhores posições para meditar são: ou deitar-se de costas, com uma almofada baixa, com as pernas esticadas, tocando-se os calcanhares, e as mãos cruzadas sobre o plexo solar ou sobre o peito — realmente a posição em que se colocam os mortos — ou então, sentando-se direito, com os calcanhares e os joelhos juntos e as mãos descansando sobre as coxas, na mesma posição em que os egípcios esculpiam seus deuses. Com um pouco de prática se descobrirá que é possível manter um equilíbrio estável quase indefinidamente nesta posição. Estas são as *asanas* ou posturas do Ocidente. Algumas das posturas mais conhecidas do Oriente têm um significado fálico, e é melhor evitá-las.

A lei da respiração rítmica é muito importante e patente; porém não se pode praticá-la a não ser sob a vigilância pessoal de um instrutor muito experimentado, de maneira que preferimos passar aqui por alto sobre isto. Essa respiração tem relação com a direção das correntes magnéticas no corpo etérico e sua concentração nos diferentes *chakras*. Quando realizada ignorantemente, desajusta por completo todo o sistema endocrínico.

A observação dos tempos e estações nos trabalhos ocultos está muito longe de ser uma observação sem valor. Existem marés muito definidas no Invisível, e de acordo com a direção em que caminemos, elas agirão a nosso favor ou contra. Há também épocas em que as inteligências invisíveis que constituem os veículos das Energias Cósmicas, "mudam a guarda", e as condições que tinham sido estabelecidas na onda anterior já não operam mais e têm que ser renovadas. As horas do dia, as fases da Lua e as estações do ano são da maior importância nos trabalhos ocultos práticos, bem como a saída e pôr dos planetas e sua passagem pelo meridiano. Tudo isto forma parte da técnica do ocultista, e a falta dos conhecimentos adequados pode ser causa do fracasso nas experiências ocultas.

Enquanto estamos trabalhando no mundo físico, estamos obrigados a submeter-nos às condições deste plano, e as fases a que nos referimos são realmente marulhos ou vagas etéricas: o fluxo, o refluxo e o repouso das correntes magnéticas na aura da Terra. Estas influências estão constantemente mu-

dando, porque representam a soma total de vários jogos de fatores, todos com seus ciclos de diferente longitude; e, por outro lado, os vários tipos de operações ocultas são afetados por êles de diferentes maneiras. Uma operação sob Saturno responderá à Lua crescente ou minguante, da maneira diferente do que aconteceria numa operação sob Júpiter. E quanto mais se aprofunda em ocultismo prático, tanto mais delicadas são suas operações, e tanto maior é a influência exercida por êsses fatores sutis.

Têm também grande importância os lugares onde se realizam as operações ocultas. Alguns pontos da superfície da Terra são naturalmente muito magnéticos. Êsses pontos foram geralmente descobertos pelos antigos, desenvolvendo suas possibilidades; e de acôrdo com a classe de processo empregado, assim será a sua influência nos tempos atuais. Há uma grandíssima diferença entre um lugar que já tenha sido utilizado para iniciações e outro que tenha sido empregado para ritos evocatórios e sacrifícios sangrentos.

Os ocultistas que têm os conhecimentos necessários, aproveitam-se o melhor possível dos lugares cujo magnetismo já foi desenvolvido; porém, se não os têm à mão, podem magnetizar um lugar a propósito para êles mesmos, embora isto lhes custe tempo e trabalho considerável. A atmosfera astral deve certamente ser cultivada, por assim dizer. A realização de um único ritual, ainda que seja um rito consagratório, não é suficiente para consegui-lo, e o trabalho oculto tem que ser prolongado meses e meses até que a atmosfera esteja sintonizada.

É absolutamente inconveniente que êsse lugar seja ocupado para outros fins, porque o magnetismo já fixado se perturba e dissipa, tendo que voltar a fazer-se tudo de nôvo.

A côr é também de sua importância em tôda obra oculta. Em primeiro lugar tem uma considerável influência sôbre os estados de consciência, e por outro lado, age melhor como meio de trazer fôrças etéricas ao plano físico. Não se pode dizer que exista uma côr melhor para êste fim, porque as distintas côres terão que ser empregadas de acôrdo com as fôrças com que se opere. Cada indivíduo em particular, de acôrdo com o Raio a que pertença, encontrará que esta ou

aquela côr é a melhor para sua meditação pessoal, e então pode usar esta côr na decoração de sua câmara ou seu santuário.

Para a execução de trabalhos profundos ocultos, é absolutamente essencial ter uma habitação ou câmara completamente dedicada a êsse objetivo, onde não se deverá deixar entrar ninguém a não ser o operador ou seus ajudantes. Existem duas analogias que servirão de guia valioso para o estudo dos princípios que governam as operações mágicas; e estas são Bactereologia e a Eletricidade. Os princípios do isolamento e da magnetização, da infecção e da inoculação são tão aplicáveis nos planos sutis como nos densos.

INICIAÇÃO E CELIBATO

O CELIBATO é uma questão sobre a qual existem muitas opiniões divergentes nos círculos ocultos. Algumas escolas dizem que é essencial para o trabalho oculto superior, enquanto que outras o negam. Explicar plenamente esta questão só poderia fazer-se às pessoas que tenham feito votos iniciáticos, porque é um assunto que concerne aos mais profundos e mais cuidadosamente guardados aspectos do Ocultismo. Já falamos muito sobre isto em nossas obras sobre a *Filosofia Esotérica do Amor e do Matrimônio* (*), bem como tratamos de certos aspectos suplementares no *Problema da Pureza*. Este último livro foi escrito somente do ponto de vista do psicólogo e do trabalhador social, porém está baseado nos ensinamentos esotéricos sobre a matéria. Todos os que tiverem bastante conhecimentos esotéricos como para ler entre linhas, podem aprender muitas coisas novas a respeito.

Nestas páginas, podemos apenas discutir a importância prática e imediata da questão, do ponto de vista de quem busca a iniciação. Qual deve ser sua atitude nesta matéria? A última palavra sempre deve ser dita pela experiência prática, e esta nos diz que a vida sexual que esteja em plena tensão por causa do refreamento, nem a que esteja exausta à força de satisfazê-la, podem prover um estado satisfatório

(*) Veja-se a edição *Pensamento*.

para o ocultismo prático. No primeiro caso, a tensão nervosa atraiçoaará o operador no Mundo Astral, e no segundo se produzirá uma falta de fôrça etérica, que é essencial a tôdas as operações ocultas.

O problema não é simples nem fácil de resolver, tendo em conta as múltiplas inibições e os interêsses em conflito da vida moderna, em que o caso mais freqüente é o do que se possa fazer e não, o do que se queira fazer. O ideal é, indubitavelmente, uma união em que o homem e a mulher cooperem na Grande Obra e levem a suas mútuas relações uma verdadeira compreensão do seu significado oculto. Tôdas as autoridades estão acordes, no entanto, em aconselhar a continência durante períodos que vão desde três dias a um mês antes de empreender qualquer operação oculta importante.

A posição oculta daqueles que decidem desafiar a opinião pública e recorrer às leis do divórcio, é muito insatisfatória. Com esta atitude têm despertado o antagonismo na mentalidade coletiva de sua raça; qualquer coisa que emprendessem iria contra êles, e se sentiriam rodeados por tôda espécie de obstáculos.

A questão de distinguir entre a moralidade e a respeitabilidade convencional é uma das mais difíceis, pois não é nada fácil emitir um juízo justo. Mas todo aquêle que se vê obrigado a recorrer aos tribunais de divórcio, como uma deferência para com os seus irmãos, deve abster-se de tomar parte em todo trabalho coletivo, até que tenha esclarecido essa experiência purgatorial, porque todo Ocultismo da Tradição Ocidental depende mais da mentalidade coletiva da raça para seu funcionamento, e por isso os que se dedicam a essas operações, se estão em antagonismo com a mente coletiva, verão que sua presença nestes grupos tem uma influência desintegradora, e tôdas as coisas começarão a ir mal.

Tôdas as escolas de mistérios em tôdas as idades e em tôdas as raças — salvo as que se entregam aos ritos fálicos ou da magia negra, em que estas coisas têm um uso determinado — concordam em negar a entrada aos hermafroditas ou eunucos, ou a qualquer outro que seja sexualmente anormal, seja por homossexualidade, frigidez, etc...

A questão da virgindade é outro ponto também curioso e complexo em Ocultismo. As escrituras antigas falavam muito sobre este tema, sendo o primeiro requisito para muitas operações ocultas uma virgem pura, ou um jovem que não tivesse chegado à puberdade. Do ponto de vista oculto, só são virgens os que nunca sentiram o desejo, quer se trate de homem ou mulher. Porém, ainda que a alma virgem seja a mais adequada para qualquer operação que envolva um psiquismo passivo, tal como o do oráculo ou contemplação do espelho sagrado, só a alma que tenha alcançado sua plena estatura e conhecido todos os sacramentos da Natureza, é a que poderá alcançar os graus supremos.

Uma palavra final de precaução é necessária. É absolutamente inconveniente que uma mulher grávida tome parte em qualquer cerimonia oculto, uma vez que se produziu a vivificação do germe, porque a criança em gestação é um canal muito fácil para evocações, e a manifestação de qualquer força invocada na cerimônia pode produzir-se através dela. Algernon Blackwood conta um desses casos em sua interessante obra *Julius de Vallon*, e explica suas consequências e resultados no segundo volume intitulado *The Bright Messenger*. Pessoalmente temos conhecido vários casos similares. Em algumas ocasiões parece produzir-se um atraso; em outras, uma criança elementar trazida ao mundo; e em outros uma criança original nasce com uma constituição nervosa muito peculiar e extremamente sensitiva.

Nunca se insistirá bastante que o Ocultismo não é para as pessoas atordoadas e descuidadas, e muitos experimentadores se salvam justamente devido à sua própria ineficiência.

OS SISTEMAS ESOTÉRICOS OCIDENTAIS

OS SISTEMAS ESOTÉRICOS OCIDENTAIS provêm de três fontes principais: a cabalística, a egípcia e a grega, e tôdas as derivações medievais e modernas são retrospectos a alguma dessas fontes.

Dar uma história detalhada de qualquer delas é trabalho mais dos especialistas, que dedicaram sua vida inteira a êsse estudo. De maneira que nestas páginas só podemos indicar um bosquejo geral delas e dos princípios em que se baseiam. Mas esperamos dar o necessário para que o leitor obtenha a luz suficiente sôbre êste aspecto tão mal compreendido da Senda.

Cada um dêstes grandes sistemas se desenvolveu em resposta às necessidades especiais de cada fase da Evolução Humana, e cada um dêles tem exposto certos aspectos da Ciência Oculta, que alcançaram um grau elevado de perfeição, enquanto que inevitavelmente esquecem os outros.

O Sistema Grego está caracterizado por seu panteão, que encarna as fôrças naturais; é primariamente um sistema filosófico. O Egípcio se caracteriza pelos deuses com cabeças de animais que representam as fôrças introduzidas na consciência humana, e é primariamente um sistema iniciático. A Cabala se caracteriza por não ter deuses de nenhuma espécie, sendo estritamente monoteísta e constituindo um sistema essencialmente mágico, no qual o Mago assume o lugar do deus ou deuses.

Na intercomunicação desses sistemas, os povos se têm influenciado mutuamente, e assim se produziram desenvolvimentos inumeráveis em distintos lugares. A corrente moderna do Esoterismo Ocidental não somente contém uma combinação de todos eles, mas também muito que procede de fontes orientais, graças à mediação da Sociedade Teosófica. Alguns dos termos orientais, tais como *Karma*, *Chakras*, *Manus*, etc., têm substituído praticamente os termos ocidentais. Não há nenhum corpo de conhecimentos que possa ser sempre mantido completamente isolado e reservado. Inevitavelmente tem que produzir-se um intercâmbio de idéias onde quer que haja associação de pessoas e povos. A Psicologia Analítica e o Novo Pensamento têm também dado sua contribuição, e o resultado tem sido uma filosofia caleidoscópica que requer muita seleção antes que se possa ver seu traçado verdadeiro e coerente.

Em Ocultismo Prático é preciso retroceder sempre até as fontes primárias, porque só ali podemos dar com a pegada que conduz ao Invisível: as Sendas criadas pelos peregrinos, que têm sido trilhadas por inumeráveis pés. Graças à meditação e aos rituais, executados durante séculos inteiros, tem-se formado uma aura de formações mentais ao redor desses antigos sistemas; e esta atmosfera mental já preparada constitui um grande valor para o ocultista. Não queremos com isto dizer que seja impossível passar aos planos internos exclusivamente por um ou outro destes caminhos tradicionais; mas as dificuldades de uma empresa semelhante seriam muito grandes.

Uma escola oculta não se forma num dia, como também não se pode criar uma grande escola pública nesse período. A tradição e uma mentalidade coletiva altamente organizada desempenham um papel vital em ambos os casos. Ademais, existem certos planos de manifestações que são trabalhados por Escolas de Mistérios de épocas anteriores, e que atualmente não são facilmente acessíveis. A Evolução tem seguido sua marcha e nos pondo em contato com o Invisível em diferentes níveis. É muito necessário, em toda obra de ocultismo prático, que tenhamos acesso em todos os planos, porque cada operação é composta e tem suas relações com os planos de cima e de baixo, superiores e inferiores àqueles em que se esteja atuando. Por conseguinte, o ocultista considera essencial aproveitar-se das trilhas criadas por seus predecessores, para os

quais estavam abortos os planos elementares. Portanto, sempre fará uso de um ou de outro dos antigos sistemas, segundo a tarefa que tenha em mãos. Alguns se prestam melhor para estabelecer um contato e outros para outro. Todas as operações que requerem contato com a Natureza se realizam melhor de acordo com o Raio grego ou céltico, enquanto que os que se referem a trabalhos iniciáticos se realizam melhor com o sistema egípcio, ao passo que o cabalístico é valiosíssimo quando se trata de elevar a consciência ou qualquer operação relacionada com ela. De nenhuma maneira é aconselhável misturar os símbolos numa mesma operação, porque as mesmas forças funcionam diferentemente segundo os contatos; porém é necessário para o iniciado ter acesso aos diferentes estados de desenvolvimento e aos distintos níveis de contato.

Existem muitos métodos de consciência que são completamente modernos em sua origem e que não pretendem ser nada mais. Isto pode ser constatado mais facilmente nas diferentes escolas de pensamento, que em seu conjunto têm formado o Novo Pensamento. Como todos os demais, este ensinamento trata da manipulação da mente e faz uso dos princípios que sempre têm governado os processos de elevação da consciência, assim como os que se praticavam nos Mistérios de Eleusis, nos Templos Egípcios, no consultório do hipnotizador ou do praticante da chamada Ciência Cristã, ou nas lojas de iniciação de alguma fraternidade.

Se os sistemas empregados não têm contato com as tradições originais, ver-se-á que os resultados que se podem obter são puramente subjetivos. Só quando se emprega algum dos antigos sistemas se consegue estabelecer contato com as forças da Natureza, os reinos elementais ou angélicos, ou a Alma da Terra, porque, como já expusemos, esses contatos são inacessíveis às operações da mente consciente das raças brancas civilizadas. Pertencem a uma época mais prematura de desenvolvimento.

Poder-se-á perguntar porque um homem civilizado deseja pôr-se em contato com esses níveis de existência, se pertencem a uma etapa de desenvolvimento inferior. A primeira resposta a esta pergunta reside no princípio esotérico de que nada de quanto Deus criou é impuro, pois tudo saiu da mesma fonte.

Há diferença de função, porém não de inferioridade. Além disso, tudo o que já alcançou uma alta etapa evolutiva teve que passar também pelas etapas primitivas, e estas constituem as bases de todos os sistemas subseqüentes, e a parte que representa em nossa economia física, mental e psíquica, pode ser facilmente demonstrada pela pessoa que sabe o que busca, como no-la tem demonstrado a psicanálise. Se não compreendemos a natureza dos princípios básicos de nossa existência, não podemos abrigar a esperança de alcançar a elevadíssima superestrutura da consciência do iniciado.

Estes níveis arcaicos de manifestação são excepcionalmente importantes para o ocultista, porque é nêles que se encontra o depósito de forças elementais onde se obtém o poder.

Como os psicanalistas têm claramente demonstrado, aqui se encontram os resíduos da vida do homem, o manancial do gênio e tôdas as formas da energia vital, mental, espiritual e instintiva. O psicanalista trata de abrir êstes depósitos para libertar seu paciente de suas inibições. O ocultista acode a êles para aumentar seus poderes psíquicos. Num caso o anormal se converte em normal; no outro, o normal se converte em supranormal.

Indiscutivelmente existe uma tradição ininterrupta de iniciação na Europa que foi passando do Adepto ao neófito, diretamente, desde os antigos Mistérios. No entanto, não é fácil dar provas documentais aos profanos. As provas documentais são muito escassas por causa da natureza da obra de seus segredos cuidadosamente guardados e das terríveis perseguições a que estiveram sujeitos, e o pouquíssimo que resta é de uma autenticidade mais do que duvidosa. No entanto, todos os que já viram um Adepto iniciado trabalhar, percebem, sem dúvida alguma, que está em contato com algo mui potente e que, além disso, pode transmiti-lo a outros. Esta experiência subjetiva, que não pode ser oferecida como prova, é a que constitui a prova mais valiosa da realidade daquilo que se busca nos Mistérios.

Tocar um dos contatos de algum dêstes grandes mistérios do passado, é como tocar uma bateria elétrica. Estão cheios de forças psíquicas, e como as garrafas de Leyden, lançam chispas quando são tocados. Tôda escola de ocultismo que

não esteja em contato com alguma destas fontes tradicionais de energia, é como uma instalação elétrica que não está ligada aos geradores; por muito que se façam girar as chaves ou se movimentem as alavancas, nada ocorre.

Muitas pessoas, pelo fato de nunca terem estado presentes quando o poder se põe realmente em manifestação, contentam-se em alterar a posição das chaves, como se isto fôsse a Grande Obra. Mas, se tivessem visto o relâmpago súbito da Luz quando sobrevém a corrente pelos fios, então, sim, saberiam o que se pode esperar do Ocultismo e não ficariam satisfeitas com nada menos.

Para que fins se utilizará êste poder, é uma questão que fica inteiramente entregue à consciência de seu possuidor. A menos, porém, que seja devidamente manipulada e mantida dentro do circuito cósmico, será um poder que causará a destruição do veículo de sua manifestação. Assim como foi recebido do Gerador Cósmico, tem de circular no circuito assinalado, porque do contrário se produzirá um "curto circuito" com tôdas as suas conseqüências. Se deliberadamente escolhermos êste caminho ou canais, temos que estar preparados para servir de degraus neste circuito do espírito à matéria e vice-versa. Êste é o ponto crítico do trabalho do Adepto. Está em circuito ou na terra? Esta é a distinção entre a Senda da Direita e a da Esquerda.

★

Este livro foi composto e impresso pela

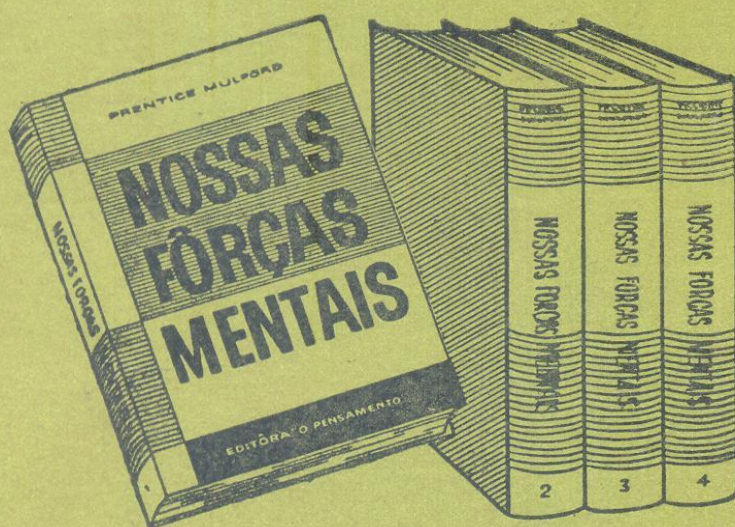
EDIPE

Artes Gráficas

Rua Conselheiro Furtado, 516

SÃO PAULO

NOSSAS FÔRÇAS MENTAIS



Esta magnífica obra de PRENTICE MULFORD ensina, perfeitamente, como aplicar as nossas fôrças mentais no comércio, na indústria, nas artes, na educação da infância, na reforma dos nossos hábitos, na harmonia dos lares, e fornece inúmeros outros ensinamentos interessantes e instrutivos.

Jamais tivemos obra tão simples e clara no campo do verdadeiro mentalismo e de tamanho valor, para feliz mudança na vida individual.

Em quatro volumes, esta obra é, sem exagêro, uma verdadeira bíblia da vida moderna, que traça em linhas simples e vigorosas a verdadeira atitude que o indivíduo deve manter perante si mesmo, no lar, no trabalho e na sociedade, através da cultura e do domínio da tremenda fôrça encerrada em seus próprios pensamentos.



EDITORA PENSAMENTO